

ANTOLOGIA DE NARRATIVAS

Organizadores:

DOS POVOS

Leandro Faustino Polastrini

INDÍGENAS DE

Marcelo Manhuari Munduruku

MATO GROSSO

**ANTOLOGIA DE
NARRATIVAS
DOS POVOS
INDÍGENAS DE
MATO GROSSO**

Organizadores:
Leandro Faustino Polastrini
Marcelo Manhuari Munduruku

**ANTOLOGIA DE
NARRATIVAS
DOS POVOS
INDÍGENAS DE
MATO GROSSO**

© Leandro Faustino Polastrini e Marcelo Manhuari Munduruku, 2021.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa dos autores (art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Os conceitos emitidos nesta publicação são de inteira responsabilidade dos seus autores, a editora não se reponsabiliza pelo uso indevido de textos, ilustrações e imagens inseridas neste livro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610)

P762a

Polastrini, Leandro Faustino (Org.).

Antologia de narrativas dos povos indígenas de Mato Grosso./

Leandro Faustino Polastrini; Marcelo Manhuari Munduruku

(Organizadores). 1ª edição. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato

Editorial, 2021.

96 p.

ISBN 978-65-88600-65-8

I. Literatura. 2. Literatura indígena. I. Munduruku, Marcelo Manhuari (Org.). II. Título.

CDU 82(=87)(817.2)

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura indígena - 82(=87)(817.2)

PARTICIPANTES:

Universidade do Estado de Mato Grosso

Campus Universitário Dep. Estadual Rene Barbour

Faculdade Indígena Intercultural

Acadêmicos e acadêmicas do curso de Licenciatura Intercultural Indígena

Turma 2016/02 – Povos: Apiaká; Bakairi; Bororo; Chiquitano; Cinta Larga; Irantxe; Kalapalo; Kayabi; Kuikuru; Mehinako; Munduruku; Paresi; Rikbaktsa; Tapirapé; Terena; Umutina; Waura; Xavante.

Editores

Elaine Caniato

Ramon Carlini

Rommel Kunze

Capa

Naiza Brito Garcia sobre imagens de Montirenti Kayabi

Revisão Textual

Doralice Jacomazi



Carlini & Caniato Editorial (nome fantasia da Editora TantaTinta Ltda.)

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro-Sul

Cuiabá-MT – (65) 3023-5714

carliniecaniato.com.br - contato@tantatinta.com.br

AGRADECEMOS

Aos acadêmicos e acadêmicas do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, turma 2016/2, por contarem e transcreverem as narrativas de seus povos, sem vocês esse livro não existiria;

À Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) pelo pioneirismo e excelência na formação Superior Intercultural Indígena no Estado;

À Lei Federal Aldir Blanc (n. 14.017/2020) e à Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer (SECEL) Mato Grosso pelo financiamento para publicação dessa obra.

Há um provérbio cuja origem não se sabe que diz: “ Quando um velho morre, é uma biblioteca que se queima”. A partir desse provérbio desejamos, assim como esse livro, que muitas outras bibliotecas continuem a (re)existir, a florescer!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	15
O protagonismo indígena na e pela literatura	16
Representações indígenas na literatura mato-grossense no séc. XX e XXI.....	19
As letras indígenas em Mato Grosso	21
NARRATIVAS DE ORIGEM	23
ORIGEM DA CASA TRADICIONAL DO POVO KUIKURU.....	25
ORIGEM DO FUMO PARA O POVO TERENA.....	29
A ORIGEM DOS ALIMENTOS DO POVO IRANTXE.....	32
O SEGREDO DA PREGUIÇA E O SURGIMENTO DA PINTURA IKBATSA.....	37
HISTÓRIA DO SURGIMENTO DO POVO CINTA LARGA	41
A ORIGEM DA MANDIOCA	42
ORIGEM DO POVO MUNDURUKU	46
ORIGEM DO PEQUI PARA O POVO WAURÃ.....	49
ORIGEM DOS RIOS PARA OS UMUTINA.....	55
ORIGEM DA ANTA	58
OUTRAS HISTÓRIAS.....	61
A ANTA E A ARIRANHA.....	63
A HISTÓRIA DE XERAMÔJA.....	65
AS ARIRANHAS E AS MULHERES	69
NARRATIVA DA MÚSICA SI'RENDERA DO POVO APIAKÃ.....	71
NARRATIVA DA MÚSICA <i>JAKUI</i> , DO POVO KALAPALO	72
A FLAUTA SAGRADA DO POVO MEHINAKO	73
A HISTÓRIA DA FILHA DO JATOBÃ	75
HISTÓRIA DE AVÔ	77
HISTÓRIA DO POVO TAPIRAPÉ ATACADO PELO POVO KARAJÁ.....	79
SEWIN XUNÃRY: A HISTÓRIA DO TIMBÔ	81
A MENINA ROUBADA.....	83
A DISPUTA DE NAMORO.....	89
A LAGARTIXA E A MINHOCA	91
A ONÇA E O JABUTI	92
O MENINO E O VAGA-LUME.....	95

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma produção coletiva dos acadêmicos e acadêmicas do curso de Licenciatura, Turma 2016/02, da Faculdade Indígena Intercultural -Unemat, com a presença de 18 etnias do estado de Mato Grosso. É resultado das atividades da disciplina de Literatura ministrada pelo professor Me. Leandro Faustino Polastrini e pelo professor Marcelo Manhuari Munduruku, que foi realizada durante a 5ª Etapa Presencial no período de 2 a 7 de dezembro de 2019, no município de Barra do Bugres.

Antes de tudo, gostaríamos de fazer um pedido aos leitores e leitoras, ao lerem as narrativas que compõem este livro, busquem lê-las como pertencentes às memórias ancestrais e históricas de diferentes povos que possuem culturas, línguas e cosmologias próprias, povos que há vários séculos coexistem, existem e resistem aos processos integracionistas, muitas vezes, brutais por parte da sociedade envolvente.

Neste livro apresentamos 25 narrativas dos povos participantes da disciplina como forma de exercício de registro escrito de suas histórias, conhecimentos e saberes tradicionais. A metodologia de trabalho teve como base duas frentes: a oralidade e a escrita. Por esse motivo, neste trabalho tem-se as referências de quem contou e de quem transcreveu.

Buscamos valorizar a oralidade como, também, uma forma de reprodução de conhecimentos, manutenção das

tradições e literaturas orais desses povos, por outro prisma promovendo também a escrita como possibilidade outra na contemporaneidade de representação e expressão dos conhecimentos tradicionais e ancestrais desses povos pela literatura indígena escrita.

Formamos grupos em que os membros eram da mesma etnia para um aprofundamento melhor das histórias que eles escolheriam para ser contadas para um outro grupo de etnia diferente. A ideia foi promover a integração entre os grupos étnicos por meio das contações e transcrições das narrativas. Criando oportunidade para que eles pudessem desenvolver suas técnicas de contação de histórias, bem como aspectos que caracterizam suas peculiaridades culturais e/ou cosmológicas. Exercitar a contação de histórias ou ato de narrar, que é uma prática, normalmente, atribuída aos mais velhos em suas comunidades, foi desafiador para eles, pois tiveram que acessar as memórias ancestrais, lembrar das histórias, narrativas míticas e contá-las a seus parentes.

Outro exercício proposto foi o de ouvir e registrar, de atentar-se ao que o outro estava contando, performando. Alguns fizeram uso do aplicativo gravador de voz dos celulares, utilizaram os celulares para gravar vídeos, outros anotaram. Eles e elas ocuparam o lugar de protagonistas no processo, utilizando-se dos seus recursos tradicionais/indígenas, a oralidade e a contação de suas histórias, e os recursos ou tecnologias “ocidentais”, como smartphones para captar os áudios e vídeos e a escrita na língua portuguesa.

Sobre a escrita em língua portuguesa, destacamos que o uso desta língua se deu devido a ela ser a “língua de contato”, ou de comunicação, entre os acadêmicos/acadêmicas das diversas etnias indígenas com os professores que ministraram a disciplina.

Buscamos respeitar questões específicas imbricadas no processo de transcrição/escrita destas narrativas, como as marcas da oralidade e também o nível ou domínio que os transcritores possuem da língua portuguesa, questões que fazem parte da identidade desta obra literária.

Depois de os grupos realizarem as transcrições das narrativas que ouviram, os textos foram devolvidos àqueles que as narraram para corrigi-las caso não estivessem de acordo com o que contaram, fossem as correções dos termos ou palavras que estivessem nas respectivas línguas indígenas.

A Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI) tem desenvolvido um papel muito importante para a formação de profissionais indígenas no campo da educação específica e diferenciada, com o intuito de valorizar os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas de Mato Grosso.

Tivemos resultados surpreendentes, narrativas que referenciam as músicas, narrativas (fábulas) que trazem lições e morais, algumas são divertidas, outras com caráter histórico, narrativas que os mais velhos contam para educar, narrativas míticas e/ou de origem dos povos, das coisas. Algumas trazem ilustrações feitas pelos próprios participantes inspirados nas histórias que ouviram. Conseguimos reunir textos diversos que retratam características culturais e cosmológicas ora diferentes, ora similares, que reafirmam suas identidades ancestrais, tradicionais, mas que estão também em processos de reconstruções, resistência e ressignificações.

Boa leitura!

Leandro Faustino Polastrini
Marcelo Manhuari Munduruku
(Organizadores)

DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Índio escreve literatura? O que é essa tal literatura indígena? Essas foram e são questões que tenho ouvido desde 2007, quando ainda na graduação de Letras iniciei meus estudos sobre a literatura indígena, ou seja, aquela em que a autoria e protagonismo são dos próprios indígenas. Naquela época, encontrava-me nas mãos com um livro de Daniel Munduruku, *Sabedoria das Águas* (2004). Confesso que fiquei tão surpreso com aquela situação inédita, afinal de contas, era um livro escrito e publicado por um indígena, um escritor indígena! Escolhi, então, tal livro para ser objeto da minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Já no mestrado, em 2009, estava eu novamente com a literatura indígena, pesquisando sobre transculturação e identidades nas obras de Daniel Munduruku, e encontrava-me com questões muito parecidas: “Mas isso que você estuda é literatura?”, “O que você quer fazer mesmo?”. Atualmente, no doutorado, a literatura indígena continua como minha parceira de pesquisa. Ressalto que nas propostas de pesquisas a que me propus nunca quis justificar ou fazer a defesa de se o que eu estudava era ou não literatura, assim como não via motivos para negar, silenciar ou subjugar o que os intelectuais e autores indígenas brasileiros estavam a chamar de literatura indígena.

Busquei por meio do relato autobiográfico ou confessional acima dar o tom mais particular, pessoal ao texto, afinal

de contas, ele faz parte de um trabalho lindo e de grande importância nos estudos de literatura e cultura para o estado de Mato Grosso, que é esta *Antologia de Narrativas dos Povos Indígenas de Mato Grosso*. Porém, o texto não é exclusivamente sobre mim, apesar de referenciar minha trajetória e amadurecimento como pesquisador da literatura indígena.

○ PROTAGONISMO INDÍGENA NA E PELA LITERATURA

O que proponho é apresentar um contexto sobre a autoria indígena na literatura brasileira, um acontecimento que vem sendo traçado por movimentos e lutas de lideranças, de ativistas, de intelectuais indígenas e não indígenas desde há muito tempo, pode-se dizer que a partir das últimas décadas do século XX, períodos em que a América Latina saía das sombras dos longos anos de regimes políticos ditatoriais em busca da redemocratização de seus sistemas políticos. Momentos também em que o capitalismo se apresentava na sua forma mais avassaladora, travestido de ideais neoliberais, se disseminava mundo afora, evidenciando ainda mais as situações de desigualdades econômicas e sociais.

Nesses contextos grupos sociais e étnicos considerados minoritários, oprimidos, marginalizados, se lançavam nesse cenário de redemocratização, de visibilidade das diferenças, de suas existências, se engajavam em prol de suas causas, nas lutas pelos reconhecimentos e conquistas de seus direitos. No Brasil, a Constituição de 1988, como dispositivo legal maior, reconheceu direitos importantes aos povos indígenas. As vozes indígenas se lançaram para fora das aldeias, das florestas, ecoavam pelas cidades.

Contudo, para os indígenas brasileiros e latino-americanos era impossível esquecer o passado colonial, pois durante muitos séculos eles foram negligenciados pelos sistemas políticos e econômicos que estavam em vigor, estiveram à mercê de ações de extermínio, de violências, desapropriações de suas terras por grileiros e latifundiários, das missões religiosas que buscavam a conversão desses povos para a fé cristã. No século XX, foram submetidos aos projetos integracionistas ou civilizatórios promovidos pelo Estado, pois esses povos ainda eram vistos pelos olhos do colonialismo como povos sem “alma”, sem “fé” e sem “cultura”.

O surgimento de escritores e/ou intelectuais indígenas brasileiros era inevitável, então, no final dos anos 90 e início dos anos 2000, começou a ser difundido, principalmente por Daniel Munduruku e Eliane Potiguara, o que eles chamariam de pensamento intelectual indígena e/ou literatura indígena brasileira. Esse acontecimento tornou-se um marco histórico simbólico, pois promoveria mudanças no cenário cultural e literário brasileiro ao se diferenciar e/ou distanciar das manifestações literárias anteriores, das literaturas indianistas, do século XIX (romantismo) e do século XX (modernismo) e a indigenistas da segunda metade deste mesmo século, sendo todas protagonizadas por escritores não indígenas.

Falar da literatura indígena brasileira contemporânea pressupõe, é claro, falar da escrita, que, dependendo dos níveis de contato, esse recurso é ainda bastante novo para muitos povos indígenas. Por isso, para aqueles que já manuseiam a escrita o universo da oralidade ainda se faz presente nessa literatura. A oralidade, para os indígenas, ainda é elemento sociocultural muito necessário, mesmo diante da necessidade interna e externa da escrita, porque

os elementos culturais, tradicionais, continuam a existir e exigir esse meio de veiculação. Os mais velhos, por exemplo, ainda se utilizam da oralidade, da contação das histórias de seus povos, o que gera a manutenção e (re)existência desses povos em diferentes gerações.

E por que a literatura indígena contemporânea é escrita na língua portuguesa? Como já foi dito, muitos povos indígenas ainda não possuem suas línguas estruturadas ou codificadas para a escrita, o que pode dificultar o processo de formação de escritores/escritoras bilíngues ou multilíngues. Outra questão importante é que, ao se utilizar a língua portuguesa, se atinge um maior número de leitores, portanto, torna-se mais rentável para o mercado editorial.

Ao olhar para a literatura indígena brasileira pelas lentes da estética ocidental, podemos dizer que ela está mais para uma função ontológico-social, de espaço para se demarcarem existências e resistências das identidades, das tradições culturais, dos valores ancestrais e de suas ressignificações. Sendo assim, ela não está apenas focada naquilo que a literatura ocidental-nacional estabeleceu como parâmetros estético-literários ou de literariedade, da arte da linguagem.

Por enquanto, ela não propõe novos padrões estéticos, pois o universo da oralidade, que seria sua “marca estética” mais evidente, não é algo tão novo assim para literatura. Como disse anteriormente, na introdução deste texto, ainda nos dias de hoje, a existência de escritores e escritoras indígenas e da literatura indígena surpreende muitas pessoas, a ponto de fazê-las questionar sobre o campo literário ocidental-nacional, sobre o que é literatura ou não.

E quem sabe veremos no futuro próximo livros de autores indígenas publicados, bilíngues ou multilíngues.

Isso já seria uma proposta duplamente inovadora e contra-hegemônica, pois os conhecimentos, as histórias e História não seriam contados, somente por uma única voz e ponto de vista, mas sim por várias vozes e vários pontos de vistas, assim como eles não seriam mais escritos e legitimados por uma única língua.

Para se ter uma dimensão sobre os escritores e as escritoras indígenas que se somam ao movimento da literatura indígena brasileira contemporânea apresento alguns nomes: Ailton Krenak, Aline Rochedo Pachamama, Auritha Tabajara, Cristino Wapichana, Daniel Munduruku, Davi Kopenawa, Denizia Kawany Kariri Xocó Fulkaxó, Edson Kayapo, Edson Krenak, Eliane Potiguara, Elias Yaguakãg, Ely Macuxi, Graça Graúna, Jaime Diakara, Julie Dorrico, Kaká Werá Jekupé, Kamuu Dan Wapichana, Lia Minápoty, Marcia Wayna Kambeba, Olivio Jekupé, Roni Wasiry Guará, Sulami Katy, Tiago Hakiy, Uziel Guaynê, Werá Jeguaká Mirim, Yaguarê Yamã, Ytanajé Coelho Cardoso, entre outros.

REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS NA LITERATURA MATO-GROSSENSE NO SÉC. XX E XXI

Ao consultar o manual literário *História da literatura de Mato Grosso, século XX*, de Hilda Gomes Dutra Magalhães (2001), dificilmente encontrei autores que tenham referenciado ou representado os indígenas que por aqui habitam. A sensação que se tem é de que muitos escritores do início séc. XX, a maioria homens, estavam mais voltados para uma produção literária beletrista, romântica, tomados pelos sentimentos cívicos, patrióticos. Estavam na busca de

recuperar um tempo perdido, vivenciando o romantismo tardio, como dizem os críticos da literatura mato-grossense. De acordo com Magalhães¹, foi nas obras de Dom Pedro Casaldáliga que a fala dos oprimidos da região amazônica, São Felix do Araguaia-MT, ganha espaço, principalmente, os grupos campesinos, negros e indígenas.

Magalhães² constata que a literatura mato-grossense, a partir da década de 30, ainda não tinha uma identidade própria. Outra constatação é de que na primeira metade do século XX ocorreu uma anacronia da produção literária mato-grossense, que se mostrava caudatária dos valores estéticos do séc. XIX, identificando a produção dos autores desse período com características romântico-parnasianas.

Já no século XXI têm-se duas publicações que trazem a temática ou as representações indígenas mato-grossenses. Uma delas é *Por dentro do escuro: mitos do povo Xavante*, de Arthur Shaker (2011), uma obra de ficção baseada nas narrativas de *História do tempo da escuridão Rómrraréhá Rówasu'u*, portanto, o autor faz uma adaptação da tradição oral dos anciões da Aldeia Pimentel Barbosa e Etenhiritipá. Outra publicação é *Tikare alma-de-gato*, de Alexandre Rolim (2017), uma obra também ficcional, resultado do trabalho de escutas e coletas de narrativas durante o período em que autor teve suas vivências com os Haliti-Paresi da região de Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis, em Mato Grosso.

1 MAGALHÃES, Hilda G. Dutra. História da literatura de Mato Grosso, século XX. v.1. Coleção Tibanaré. Cuiabá: Editora Unicen, 2001.

2 *Idem, ibidem.*

AS LETRAS INDÍGENAS EM MATO GROSSO

Referenciar a existência de uma literatura de autoria indígena em Mato Grosso é uma tarefa bastante difícil, fato que não deveria ser, já que é um estado em que coexistem aproximadamente 40 povos indígenas. Entendo que essa grande variedade de matrizes etnoculturais seja terreno fértil para as criações literárias, mas o que se constata é que no cenário literário mato-grossense o protagonismo de escritores e escritoras indígenas ainda é ínfimo se comparado ao que ocorre no cenário nacional.

Lembro-me da primeira Feira do Livro Indígena de Mato Grosso (FLIMT), realizada no ano de 2009, um evento importante, deu visibilidade aos intelectuais indígenas que estavam produzindo algo no Brasil. Nessa primeira versão da FLIMT foi realizado o lançamento do livro *Antologia Indígena*, organizado por Daniel Munduruku e Cristino Wapichana (2009), e contava com a participação de vários escritores e escritoras indígenas. Mas nessa obra foi possível encontrar apenas três autores indígenas de Mato Grosso: Márcio Bororo, do povo Bororo, com o poema-música “Bem-vindos a Cuiabá”; Estevão Carlos Taukane, do povo Kura-Bakairi, com o texto “Kaudyly Umenobyry” (nos primórdios dos tempos), e Daniel Matenho Cabixi, do povo Paresi, com o texto “Um índio”, um escritor e liderança indígena que se destacou por seu engajamento pelas causas indígenas em Mato Grosso. A FLIMT chegou a ter sua segunda edição em 2011. Outro livro que encontramos publicado, porém não de caráter literário, é o da professora e escritora Darlene Taukane (1999), *A história da educação escolar entre os Kurâ-Bakairí*.

Destaco, neste processo, a importância dos cursos de licenciatura e bacharelado indígenas da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) – Campus de Barra do Bugres, vinculados à Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI), ao contribuírem também com a formação de intelectuais e escritores indígenas no estado. As primeiras publicações oriundas das experiências desse contexto de formação acadêmica foram os cadernos ou materiais paradidáticos, manuais de práticas pedagógicas e culturais, com narrativas de origens, etc.

Desse contexto, destaca-se o professor e escritor indígena Marcelo Manhuari Munduruku, egresso do curso de Língua, Artes e Literatura da FAINDI. Ele possui dois livros publicados: *Pinturas corporais e artesanato de madeira do povo Munduruku* (2013) e *Cidade das águas profundas* (2013). Ele é também um dos organizadores desta antologia, a qual foi fruto do trabalho coletivo dos acadêmicos e acadêmicas do curso de Licenciatura Indígena Intercultural, pertencentes a 18 etnias do estado de Mato Grosso que contaram e transcreveram suas narrativas. As sementes foram semeadas!

Leandro Faustino Polastrini

PARTE I

NARRATIVAS DE ORIGEM

Organizamos nessa primeira parte do livro as narrativas sobre as origens dos povos, da fauna e da flora. Elas são de um tempo de que não se sabe quando, mas são contadas até hoje. Estas narrativas são muito respeitadas pelos povos que as contam, pois fazem parte de suas ancestralidades, de suas cosmogonias, de suas culturas.

ORIGEM DA CASA TRADICIONAL DO POVO KUIKURU

Contador: Ajukuri Kuikuru

Transcritores: Leocílio Boroponepá Filho e Cleiton José Alves da Silva

Certo dia, um pássaro que se chama Anu foi visitar a aldeia do seu tio, chegou à tarde na comunidade onde seu tio morava, eles estavam festejando fazendo a dança Taranawã. Então foi para a casa do seu tio que pediu que a filha mais nova preparasse mingau para eles beberem, depois foram descansar.

À noite o seu tio ofereceu a mão da sua filha para casar com o Anu, ainda à noite fizeram fogo na casa do tio que era feita de folha de árvore e a casa era bem baixa e começou sair fumaça rodeando lá dentro e o olho do Anu ficou vermelho. O Anu voltou para sua aldeia para falar com sua mãe, disse a esposa que iria passar cinco dias na casa de sua mãe. Já na aldeia pediu a mãe se ele poderia construir casa tradicional para o tio, disse que seu tio estava sofrendo com a fumaça em sua casa porque era muito baixa e a mãe permitiu que seu filho construísse a casa para o tio.

O Anu retornou para a aldeia de seu tio, chegou lá convidou sua esposa para ir ao mato com ele procurar um lugar limpo para fazer cocô e onde iria fazer a casa do tio. Passando dias começou nascer sapé e por isso para o povo Kuikuro o sapé e para fazer a cobertura de suas casas.

No local onde fez cocô estava nascendo muito sapé bonito, aí o Anu pensou em cortar o material para construir a casa e depois foi limpar o local para construir a casa. O tio ficou curioso e perguntou:

O que o Anu está aprontando?

E o Anu foi tirar imbira, que é um cipó, para iniciar a construção da casa, ao terminar viu que a casa ficou grande, aí foi cortar sapé, tirou sapé e colocou na casa e terminou de cobrir. Em seguida, chamou a esposa para que avisasse o seu pai para lhe dizer que a casa estava pronta.

O Anu disse a esposa que onde eles moravam não era casa de verdade, por isso não estava aguentando a fumaça. E os irmãos Sol e a Lua estavam ouvindo o que o Anu e sua esposa estavam conversando, à tarde, no outro dia, foram visitar a casa que o Anu havia construído para seu sogro. O Sol e a Lua disseram:

– Vamos visitar a casa do nosso avô, ver e saber como o Anu construiu a casa tradicional.

Então decidiram fazer a visita, o nome do sol na língua Kuikuro é *Taugi* e lua, *Aulukumâ*, eles vieram visitar a casa do Anu, chegando na aldeia do tio do Anu, perguntaram:

– Quem construiu as casas para vocês aqui?

Uma das pessoas respondeu que foi o Anu que construiu esta casa tradicional.

– Então vamos entrar dentro.

O sol e a lua curiosos entraram na casa e ficaram admirando.

E disseram:

– Nossa! Essa casa ficou muito bonita e muito bem construída.

Ficaram com muita inveja da casa e os dois pensaram em destruir a casa, saíram dela e foram pro centro da aldeia, perguntando onde o Anu havia conseguido o sapé para construir a casa. Um rapaz disse:

- Ele foi para lá! - E disse aos irmãos o local onde ficavam o sapé e logo foram para lá, ver onde ele tinha tirado o sapé, avistaram que o sapé estava bem feito ali, não tinha raiz fácil para tirar. A Lua pediu para o seu irmão dizendo:

- Tira aí para mim ver!

Então, o irmão dela arrancou e estava bem mole mesmo.

- Deixa! Eu vou tirar! - disse o Sol.

O irmão mais velho tirou e estava bem fraquinho mesmo, mais fácil para tirar. A Lua falou para seu irmão assim:

- Não era assim que era para ficar, tem que colocar raiz ali para ficar um pouco duro para tirar se não nossos futuros netos irão construir facilmente casas tradicionais.

Eles colocaram a raiz ali e depois testaram e ficou duro, por isso que hoje o sapé ficou um pouco difícil para tirar, quem é trabalhador consegue tirar este sapé. Então, voltaram para aldeia novamente e entraram na casa e falaram para o sogro do Anu se ele não poderia sair da casa para dar uma olhada na casa, então, o sogro ficou com medo pelo jeito da fala deles e decidiu sair.

Quando ele estava saindo, o Sol e a Lua tacaram fogo para estragar a casa. E por isso hoje, a casa fica bem fraca, ela dura dez anos ou oito anos para estragar. A casa estragou, com isso o tio ficou bravo com o Sol, falou:

- Por que vocês estão estragando minha casa?

E eles responderam:

- Deixa ficar assim, senão vai ficar durando muito tempo, tem que ficar trocando as casas.

- Tá bom - disse o sogro aceitando.

Então eles retornaram para sua aldeia, à noite, eles combinaram de estragar a casa do avô, aí voltaram novamente, eles se transformaram tipo num vento forte, à noite, de repente apareceu um vento muito forte com trovão só para eles estragarem a casa. A casa foi toda estragada, o vento carregou todo sapé. Por isso que hoje o vento sempre fica destruindo a casa tradicional e, assim, o Anu conseguiu a casa tradicional para o povo Kuikuro.

ORIGEM DO FUMO PARA O POVO TERENA

Contadores: Eliwelton Terena e Odemilson Terena;
Mirian Turi Rondon

Transcritores: Montirenti Kayabi e Raquel Sirayup; Warakatu Kayabi

Assim conta o nosso povo, antigo Terena, sobre a origem do fumo que na nossa língua indígena é chamado de *Xaí*.

Uma mulher que não gostava do marido, certo tempo, ela fez um feitiço para ele, pegou uma planta chamada caraguatá, o povo fala que a mulher fez feitiço através dessa planta, que no idioma terena é chamada *vuké*. Ela estava menstruada, então, passou o sangue dela na planta



e a deixou no mesmo lugar para o homem comer, antes disso essa planta não era vermelha. Nosso povo fala que passou e colocou para o marido dela comer e o marido pegou e comeu aquela frutinha.

E passou algum tempo ele começou a ficar indisposto, não queria fazer mais nada, ele já estava doente, só por causa disso, ficava só na rede. Ele não sabia o que fazer e se perguntava: “Por que eu estou indisposto assim?”. E aí o filho dele escutou ele dizendo isso e respondeu:

– Meu pai, eu vi minha mãe fazendo feitiço para você.

Ele falou assim:

– Ahhh está bom então! Vou me vingar dela então!

Certo dia ele foi para o mato e a mulher disse assim:

– O que você vai fazer?

Ele respondeu:

– Eu vou arrancar mel de jati na lixeira. Junto a árvore lixeira estava também uma cobra. Ele furou a árvore, tirou o mel, matou a cobra, pegou a barrigada dela com os filhotes e misturou no mel. Ele disse assim: “Eu vou separar um pouco para minha esposa, eu vou me vingar dela que fez mal para mim e vou levar o mel puro para meu filho”.

Chegando em casa a mulher dele estava com vontade de comer esse mel e falou assim:

– Cadê o mel?

Ele disse:

– Não, esse daí não é seu não, o seu já está separado no cantinho!

Foi lá e pegou aquele que ele havia misturado com barrigada da cobra e deu pra ela.

E nisso não demorou muito ela começou a se coçar toda e falou:

– O que que você fez comigo?

E ele falou:

– Você que começou, queria me matar primeiro.

E ela ficou muito brava, furiosa e disse:

– Agora você vai ver, meu marido... Vou matar você!

Saiu atrás dele para querer matar ele, para comer a carne dele. Ele fugiu dela e não sabia o que fazer, achou uma árvore, onde tinha papagaio, lá havia os filhotes de papagaio, conforme ela estava vindo, ele dava papagaio para ela comer, já no último papagaio deu tempo dele descer e fugir de novo.

Ele lembrou que tinha uma armadilha que havia feito para caçar, quando ela passou, caiu dentro do buraco. Com a queda ela morreu e para ninguém descobrir ele pegou e a enterrou, depois ficava cuidando, cuidando desse buraco onde ela tinha morrido. Ali naquele lugar nasceu uma planta no local onde foi enterrada.

Direto ele ia lá, a planta nascia e ele cortava, até que um dia ele cansou de cortar, e deixou a planta crescer, quando cresceu um pouco ele percebeu que a planta não era igual as comuns, ela era diferente. E o que ele fez? Pegou amassou, recolheu a folha, deixou para secar. Quando ele fez tudo isso, à noite ele se pintava, à meia-noite fez um cachimbo de barro, começou a fumar lá, e a aldeia toda sentia esse cheiro da fumaça, tinha cheiro gostoso e todo mundo queria saber de onde estava vindo, só que ele nunca contava para o pessoal da comunidade.

Foi quando o pessoal começou a vigiá-lo, no dia que ele foi para o mato buscar folha de novo descobriram sobre a planta. Então, todo mundo começou a fazer o mesmo, amassavam as folhas, deixavam secar para depois fumar.

Assim conta o povo Terena sobre a origem do fumo, através dessa história.

A ORIGEM DOS ALIMENTOS DO POVO IRANTXE

Contador: José Pedro Venâncio Ulipyace

Transcritores: Juscimar Bokodori e Graziela Tuopado

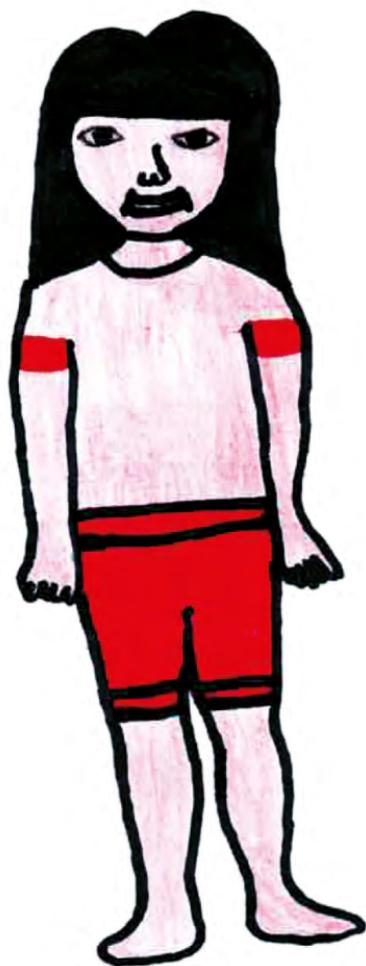
Os velhos contam que antigamente não existia alimentos tradicionais para o povo Irantxe. A mulher do cacique ficou grávida e teve um menino. Como não tinha os objetos ela precisava arranjar uma bacia para dar banho no bebê, então utilizavam a casca de inajá para dar banho na criança. A mãe percebia que cada vez que o menino banhava ficava uma poeira no fundo da casca, a mãe então começou a juntar a poeira, que mais tarde seria transformado em polvilho, utilizado para fazer chicha.

Então o menino foi crescendo e todas as vezes que conversava com o pai, este sempre respondia com assobios. E era desta forma todas as vezes, só respondia com assobio. Um certo dia o pai saiu para caçar e o menino perguntava como tinha sido e o pai respondia com assobio. Tudo que o menino perguntava era sempre assim. O tempo foi passando e era sempre a mesma coisa. Certo dia, o menino convidou a mãe para passear.

Então, andaram, andaram até chegar numa queimada bonita, e procurou um lugar bem bonito, onde o menino fez um pedido para a mãe.

– Quero que a senhora me enterre aqui! Mãe, o papai não fala comigo, quando lhe faço perguntas ele só faz assobiar. Eu estou zangado com isso, não quero mais isso!

Mãe



Filho



O filho insistiu tanto que a mãe começou a cavar o buraco, o menino então consolou a mãe dizendo que ele não iria ficar longe deles. Pediu para a mãe voltar a aldeia e fazer *xiré* de palha de buriti, pilão para socar e esteira.

Mandou a mãe ir embora sem olhar para atrás. A mãe obedeceu, se virou e foi embora, quando já estava um pouco longe começou a ouvir um barulho de *Yetá* e jararaca. Após uns dias, a mãe voltou para o local onde enterrou o menino e neste local havia muitas plantações.

Cada parte do corpo do menino transformou-se numa planta e seus frutos serviram de alimentos para os Irantxe. Da cabeça nasceu as cabaças, utilizadas para carregar água e colocar chicha, do coração surgiu o cará branco, do fígado, o cara roxo, das costelas, o feijão costela ou feijão cumprido, do sangue, o urucum para pintar o corpo, das unhas, o amendoim, dos testículos, araruta redonda, do pênis, a araruta comprida, das coxas nasceu a raiz da mandioca, das tripas, as batatas doce, das partes externas das costelas, feijão fava, dos ossos das pernas, a rama da mandioca, dos dentes, os milhos, dos cabelos, a espiga de milho, dos ossos brancos, outro tipo de araruta muito comprida.

E assim que foi a origem dos alimentos para o povo Irantxe.



Feijão Fava



Feijão Costela

Feijão



Batata



Milho



Cará



Araruta

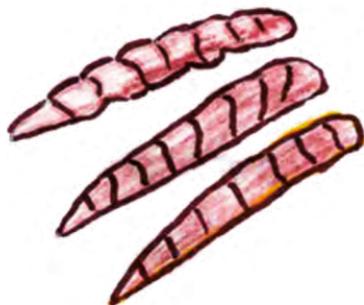




Ilustração: Gonçalo Arildo M. Chue



O SEGREDO DA PREGUIÇA E O SURGIMENTO DA PINTURA RIKBATSA

Contador: Humberto do povo Rikbatsa

Transcritor: Gonçalo Arildo Muquiçai Chue

Antigamente o povo Rikbatsa e os animais viviam tudo junto em uma comunidade e todos os dias eles saíam para caçar. Certo dia, em uma dessas caçadas, o macaco preguiça separou do bando e encontrou um pé de fruta de jenipapo. Porém, ao retornar para casa, não comunicou a ninguém sobre o que havia achado. Até então a fruta do jenipapo era desconhecida para todos, exceto para o macaco preguiça que a havia encontrado.

Como era de costume todos irem caçar todos os dias, então o macaco preguiça, após achar o pé de jenipapo, parou de ir junto com o bando nas caçadas. Os outros bichos começaram a desconfiar que tinha algo de errado com ele. Um certo dia todos se reuniram e decidiram que iriam descobrir por que a preguiça não queria mais ir caçar com eles. No outro dia, após o combinado todos saíram para mais uma vez caçar e deixaram a joaninha para vigiar a preguiça. A preguiça percebeu que joaninha tinha ficado em casa e ficou desconfiado.

A joaninha estava deitada na rede e fingindo que estava tudo bem. A preguiça então, mesmo desconfiando, saiu uma primeira vez e foi até um certo pedaço na mata, mas voltou. Após observar a joaninha novamente e chegar a pensar que a joaninha estava normal, saiu novamente em direção a mata e foi até o pé da fruta de jenipapo.

Após ele sair a joaninha saiu atrás seguindo-o, mas como a preguiça anda mais rápido, a joaninha acabou ficando e perdendo a direção e o lugar que a preguiça foi. A joaninha acabou voltando novamente para casa e quando os outros bichos chegaram, a joaninha disse que não havia descoberto nada, somente que a preguiça saiu para a mata e depois de um bom tempo retornou.

Não contentados com o que estava acontecendo com a preguiça, no dia seguinte, deixaram o caxinguelê com o mesmo objetivo de vigiar e tentar descobrir o que a preguiça estava aprontando. Então, saíram novamente para a caçada, dessa vez o esquilo ficou e para a preguiça não desconfiar, o caxinguelê fez uma fogueira debaixo de sua rede e fingiu estar muito doente naquele dia.

A preguiça, ao se convencer de que realmente o caxinguelê estava doente, saiu para a mata em direção ao pé do jenipapo, mas dessa vez o caxinguelê foi rápido, perseguiu-a de longe e escondendo atrás das árvores. Assim, descobriu que na verdade a preguiça ia era comer a fruta do jenipapo e ficou escondido e observando. Nisso ele vê que conforme a preguiça ia comendo ia também espetando as sobras das cascas em um galho.

O caxinguelê então ficou curioso porque ele fazia aquilo, até que a preguiça, ao tentar pegar mais frutas, deixa cair uma no chão, a preguiça fica preocupada e fica vários momentos olhando lá de cima a fruta que tinha caído. Pois, o que ela não queria era que outros animais também descobrissem o quanto a fruta era deliciosa.

Então, como o caxinguelê estava por perto observando e descuidou quando a preguiça não estava vendo, correu, pegou a fruta e se escondeu novamente. Depois que ele experimentou, também descobriu que era muito deliciosa e foi embora para casa. Quando os outros animais chegam da caçada ele conta o que havia descoberto. Então, resolveram

montar outro plano em que todos fossem até o lugar onde estava o pé de jenipapo e pegassem a preguiça lá em cima comendo as frutas.

Foi então que todos mentiram ir caçar no outro dia, só para que a preguiça acreditasse e também fosse comer as frutas escondidas. Porém, já no mato fizeram três grupos e decidiram que assim que percebessem a preguiça já em cima do pé do jenipapo, os grupos iriam correndo de três direções diferentes até chegar onde estava a preguiça. Porque, assim ela não ia desconfiar que foi seguida e sim descoberta por todos. E assim fizeram.

Quando todos viram com os próprios olhos a preguiça fazendo isso, ficaram com muita raiva e gritavam perguntando por que ele tinha feito isso com todos eles, por que não compartilhou com eles também. Foi aí que subiram também no pé de jenipapo para derrubar a preguiça, mas ela abraçou bem no tronco do jenipapo e ficou lá.

Os outros animais começaram a puxar seu rabo para que caísse. Não caiu, mas de tantos puxarem, acabou que arrancaram o rabo do corpo da preguiça. Com isso, o sangue da preguiça começou a escorrer. Os outros animais, vendo aquele sangue saindo, começaram a juntar em uma pequena vasilha com o objetivo de utilizar aquele sangue para alguma coisa. E assim, começaram a se pintar com sangue, após serem pintados e saírem ao sol, o primeiro não aguentou o calor e se transformou em uma arara vermelha, o segundo aguentou o calor do sol e se transformou em uma arara amarela. Assim foi acontecendo, conforme iam se pintando ia também se transformando em diversos pássaros.

Para o povo Rikbatsa, foi assim que surgiu a pintura e o povo, formando dois Clãs: o da Arara Cabeçuda Vermelha e da Arara Amarela. Cada clã é composto de cinco subgrupos formados pelos parentescos mais próximos.



Yalau Waurá

Ilustração: Yalau Waurá



HISTÓRIA DO SURGIMENTO DO POVO CINTA LARGA

Contadores: Danilo da Silva Cinta Larga e Carlos Mam Garay
Cinta Larga

Transcritor: Yalau Waurá

A história do mito da origem do povo Cinta Larga inicia-se assim: Ngura (Deus) é filho da pedra, que surgiu através de uma explosão que houve nessa pedra, assim se deu o surgimento do Ngura. Depois de ter surgido Ngura disse ao povo Cinta Larga: “Eu que criei vocês”.

Após de ter falado isso, Ngura viveu junto com o povo Cinta Larga, durante algum tempo ele andou peregrinando por vários lugares, procurando lugar para ir embora, durante essas peregrinações, ele encontrou lugar que subiu ao céu.

Quando Ngura (Deus) vivia na terra, ele andou moldando imagens com barro, quando ele observou o que havia feito, falou para si mesmo: “Parece que fiz uma pessoa”. Aí ele assoprou nas suas narinas e a pessoa levantou. Depois disso ele plantou algumas mudas de árvores. Aí ele pensou: “Por que não fazer uma pessoa conforme a espécie dessas árvores?”. A partir daí ele disse: “Vou chamar esse de kakim, MAM, *kaban, mangyp éj, kakinduleéj, mamxipuáp éj, mangyjeej*”.

Depois disso Ngura (Deus) deu a língua para cada povo. Assim são as histórias contadas pelos anciões do nosso povo sobre mito de origem e mito de origem dos clãs.

A ORIGEM DA MANDIOCA

Contadores: Gilmar Koloizomae; Gelson Zezokie e Leandro Nenezokae

Transcritores: Marcilio Tsame Tserenhi Omo Zebedeu Tse E Omowa, Marcilio Tsame Tserenhi Omo, Tiago Tsitedzé, Fernando Utébréwê Tsipré, Natalino Tseredzahi, Lidio Tserehopo Tsere Uwane, Herculano Tsererowe, Paulo Gaço Tsimani Iwe, Sansão Ubuhu

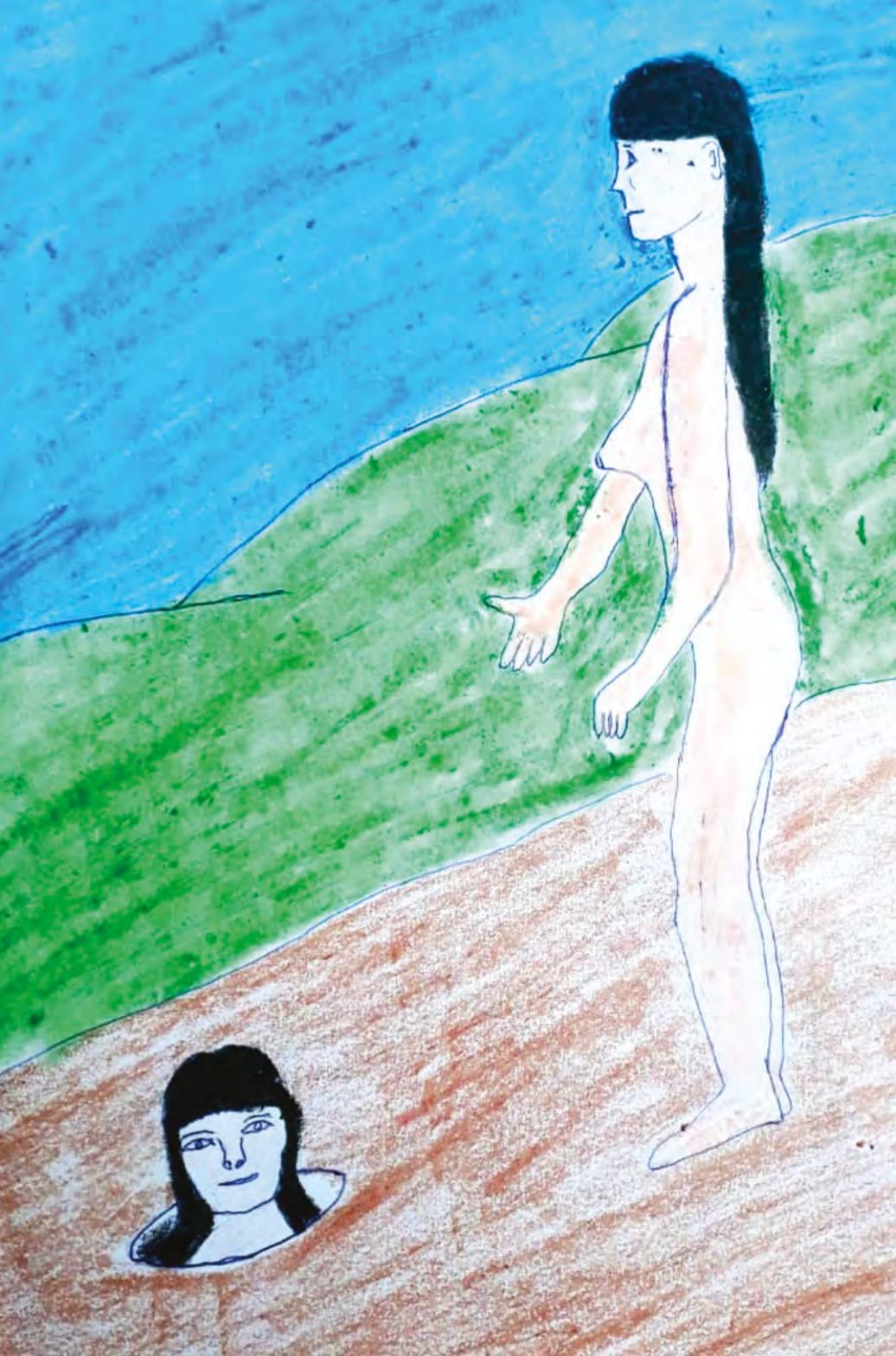
Os *Haliti* contam que havia uma menina chamada *Atyolotse* que era filha de *Kokotero*. A menina tinha verrugas pelo corpo, e talvez por isso achava que o pai a desprezava. Certo dia, a menina queria falar com seu pai, mas o pai dela respondia assoviando. Então, a menina foi até a mãe e falou:

Mãe, acho que meu pai não gosta de mim, eu quero que me leve no mato e me enterre, mas não se preocupe, vou ficar bem.

Depois de muita insistência, a mãe levou a filha para o mato, enterrou a filha até o pescoço em vários lugares diferentes, mas ela falava que ainda não estava bom. Em seguida, a menina falou a sua mãe para levá-la no local onde o avô dela tinha feito uma queimada. Quando chegaram no local, a menina disse a mãe para que enterrasse ela naquele local e falou:

— Aqui tá bom!!!

A menina fez vários pedidos a mãe, como não olhar pra trás quando fosse embora porque ela iria gritar. A menina falou para mãe que ela teria vários galhos e cada



galho teria um tipo de alimento, um deles seria a Mandioca para fazer xixa (bebida de mandioca), fazer beiju, era só cavucar no ramo do galho que ela teria o tipo de mandioca que ela precisasse.

A menina disse à mãe que era para falar ao pai dela pescar piraputanga para misturar no seu corpo e ficar alaranjado; também lambari (Zorewa), um lambari verde para misturar no corpo. Ainda, mandou o pai dela fazer peneira e ralo porque iriam precisar. Todas as recomendações foram passadas à mãe dela, então disse:

– Agora vai, me deixe aqui, vou gritar, mas não olhe para trás!

A mãe da menina se foi, numa certa distância ouviu o grito da filha e olhou para trás, viu uma árvore enorme, maior que todas as outras. Assim que viu a árvore, ela foi diminuindo e ficando bem pequena, a mãe seguiu os pedidos da filha, fazia xixa, beiju, somente todas as noites.

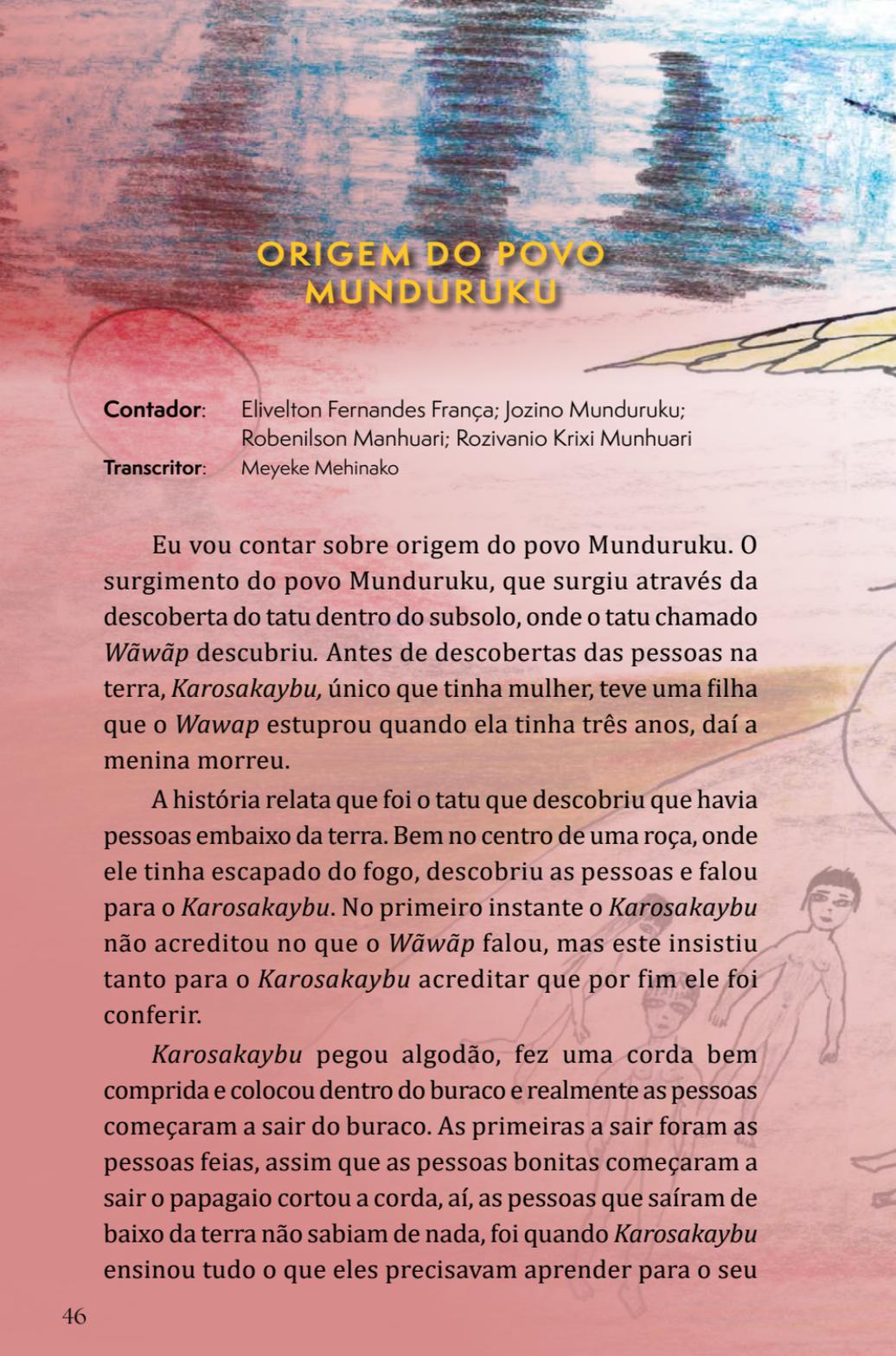
Certa vez, uma senhora já desconfiada que havia algo acontecendo, viu as formigas carregando o resto do polvilho da mandioca, resolveu seguir a mãe da menina, foi até onde estava a mandioca. Quando chegou, viu tudo e pensou que Kokotero havia enterrado sua filha ali. Viu o polvilho saindo, pegou o facão, cortou uma mandioca. Mas a filha também tinha pedido para cortar apenas em cima do tronco, abaixo do galho e depois enterrar que nasceria outra mandioca.

Assim que cortou ouviu um grito dizendo:

– Mãe, é você mesmo? Disse que não era para fazer assim!

A senhora voltou e contou para os demais o que tinha visto, chegaram lá e estava saindo muito polvilho. A mãe chegou, tampou para não sair mais, mas já era tarde,

saiu muito polvilho. As demais árvores, como seringa, mangabeira, entre outras, passaram o polvilho no corpo. As pessoas ficaram sabendo do acontecido, começaram a enterrar seus filhos, mas nasceu o mesmo tipo de coisa. Uma pessoa enterrou seu filho e nasceu uma mangabeira, só ela era para ser diferente. Assim, surgiu a mandioca, um dos principais alimentos tradicionais do povo Haliti, sem a mandioca não acontece a festa tradicional.



ORIGEM DO POVO MUNDURUKU

Contador: Elivelton Fernandes França; Jozino Munduruku;
Robenilson Manhuari; Rozivanio Krixí Munhuari

Transcritor: Meyeke Mehinako

Eu vou contar sobre origem do povo Munduruku. O surgimento do povo Munduruku, que surgiu através da descoberta do tatu dentro do subsolo, onde o tatu chamado *Wãwãp* descobriu. Antes de descobertas das pessoas na terra, *Karosakaybu*, único que tinha mulher, teve uma filha que o *Wawap* estuprou quando ela tinha três anos, daí a menina morreu.

A história relata que foi o tatu que descobriu que havia pessoas embaixo da terra. Bem no centro de uma roça, onde ele tinha escapado do fogo, descobriu as pessoas e falou para o *Karosakaybu*. No primeiro instante o *Karosakaybu* não acreditou no que o *Wãwãp* falou, mas este insistiu tanto para o *Karosakaybu* acreditar que por fim ele foi conferir.

Karosakaybu pegou algodão, fez uma corda bem comprida e colocou dentro do buraco e realmente as pessoas começaram a sair do buraco. As primeiras a sair foram as pessoas feias, assim que as pessoas bonitas começaram a sair o papagaio cortou a corda, aí, as pessoas que saíram de baixo da terra não sabiam de nada, foi quando *Karosakaybu* ensinou tudo o que eles precisavam aprender para o seu



dia a dia, ensinou-os caçar, pescar, plantar e a viver em grupo unido.

Também foram divididos os subgrupos, os clãs, por isso se tem os clãs brancos, vermelhos e dentro deles têm vários outros. Os Munduruku também têm os seus mitos de origem que hoje são praticados dentro da aldeia, atualmente o povo utiliza bastante seus artesanatos de origem para várias coisas, como: o paneiro para carregar vários objetos, frutos silvestres, tipoia para carregar criança. O povo Munduruku mantém seus costumes vivos até hoje, pois quando uma pessoa mata alguns bichos são divididas em parte iguais entre todas as famílias da aldeia. Os Munduruku sempre valorizam sua cultura que foi oferecida por *Karosakaybu*.

ORIGEM DO PEQUI PARA O POVO WAURÁ

Contador: Yalau Waura

Transcritores: Danilo da Silva Cinta Larga e Carlos Mãem Garay Cinta Larga

Antigamente, para o povo Waurá não existia pequi e nem mangaba, na história diz que havia um cacique que ele tinha seis mulheres, todas gêmeas. Dentre essas seis, havia quatro que ele gostava mais, dentre essas quatro mulheres havia duas que estavam traindo o marido com o jacaré. A desculpa delas para se encontrar com o jacaré era ir na roça para tirar mandioca, mas na verdade não era isso que iriam fazer. Para que o marido não suspeitasse, elas acabavam levando mandioca para a aldeia, com isso elas acabavam fazendo beiju e mingau.

Depois de fazer beiju e mingau elas se pintaram para levar até o jacaré, quando as duas chegaram na beira do rio, a irmã mais velha gritou chamando ele, chamou, chamou e chamou, e nada, também a mais nova começou a chamar o jacaré. Ele apareceu e se transformou em um homem jovem. Elas ofereceram os alimentos, assim que terminou de se alimentar o jacaré começou a ter relacionamento com elas, primeiro com a mais velha, e ficou um minuto desmaiado, acordou e levantou, então elas disseram para ele:

– Amanhã iremos fazer novamente.

Enquanto isso, o cacique estava na aldeia com a comunidade, conversando no centro da aldeia, quando chegaram na aldeia, todos ficaram alegres.

Dois a três meses depois, as outras mulheres começaram a desconfiar das companheiras, que elas estavam namorando com outros. Passados alguns dias elas foram pela terceira vez, enquanto isso a paca viu elas namorando com o jacaré e ficou observando, e o cacique não estava sabendo de nada, que as esposas estavam traindo ele.

Assim que chegaram, fizeram os mesmos alimentos e começaram a chamar o jacaré, iniciaram a se relacionar com ele, ao terminar ele ficou trinta minutos desmaiado, após isso o jacaré teve relação com a outra irmã. Com isso a paca já estava sabendo de tudo o que estava acontecendo



com as duas mulheres do cacique, depois de ter terminado elas voltaram para casa.

Ao pôr do sol a mãe do cacique resolveu ir até a roça para buscar cabaça, chegando na roça ela viu as cabaças toda destruída, vendo o que havia acontecido na roça, ela voltou para aldeia e falou para seu filho:

— Filho, paca e a cutia estão destruindo todas a plantação de cabaça na roça.

Então, o filho respondeu:

— Mãe, amanhã bem cedo eu vou lá!

Quando amanheceu o dia ele foi esperar a paca, poucos minutos depois a paca veio para comer cabaça, quando o cacique ia atirar na paca a flecha e o arco fizeram um barulho, com isso a paca viu o cacique que estava apontando a flecha em direção a ela, então a paca entrou em desespero e começou a falar:

— Não me mate!

Então o homem falou:

— Fica tranquilo que não vou te matar.

A paca disse:

— Tenho um segredo para te contar, você sabe que algumas de suas esposas estão traindo você com um animal?

Ele disse:

— Não!

Com isso o cacique abaixou as flechas e falou:

— Conta, se você contar, não vou te matar.

A paca começou a falar, mas antes de falar, o cacique perguntou:

— Você tem certeza? Você tem provas do que você está falando para mim?

A paca respondeu:

— Sim, tenho, vou te levar para você ver, vem comigo que você verá.

E a paca levou o cacique para a beira do rio.

Enquanto isso, as duas mulheres estavam tirando mandioca, quando elas chegaram em casa e perguntaram para as demais esposas “cadê nosso marido?”, elas responderam “ele está na roça esperando a paca no mato”.

Elas fizeram os alimentos, se pintaram e desceram para a beira do rio, enquanto isso o cacique estava na beira do rio, impaciente com a paca, porque elas estavam demorando muito para vim.

Não demorou muito as duas esposas do cacique chegaram na beira do rio e quando chegaram, a irmã mais velha começou a chamar o jacaré e o cacique observando tudo, em seguida a irmã mais nova começou a chamar também, chamou, chamou e chamou, até que ele começou a fazer barulho na água. Era o jacaré chegando, quando chegou perto das duas mulheres se transformou em um homem, começou a comer os alimentos e em seguida começou a fazer relação com a mulher mais velha e o cacique já queria matar o jacaré na hora, mais a paca não deixou, pedindo para não matar naquele momento, pedindo para o cacique ficar calmo, mesmo assim ele ficou irritado ao ver o que estava presenciando.

Então, a paca deu uma ideia para o cacique, mas antes ele teria que falar para a comunidade. Assim que chegou em casa ele contou para sua mãe:

— Mãe, as minhas duas esposas estão namorando com um jacaré, mas eu não sabia o que estava acontecendo!

Logo em seguida o cacique reuniu toda comunidade para explicar o seu plano e montar uma estratégia para matar o jacaré. Então o cacique falou para comunidade:

— Vamos fazer uma grande pescaria para nossas mulheres, vamos fazer flechas, para que possamos ir pescar.

Falou também para as mulheres:

— Façam muitos alimentos!

Três dias depois, todos os homens foram para a beira do rio fazer a grande pescaria, quando todos chegaram, antes de entrar no barco o cacique falou para os homens:

— Nós estamos aqui, porque minhas mulheres estão tendo um caso com o jacaré.

Os homens ficaram espantados. Entraram no barco e foram até a curva do rio esperar o jacaré. O cacique falou:

— Minhas mulheres irão chegar e chamar o jacaré, quando ele se relacionar com minha mulher mais velha, ele vai ficar desmaiado por cinco minutos, nesse momento poderemos matar ele.

Chegando a hora de ir as pessoas se prepararam e ficaram com medo ao mesmo tempo.

Então, a mulher chamou, chamou e chamou o jacaré, alguns instantes depois a irmã mais nova também começou a chamar, chamar e chamar e o jacaré apareceu e se transformou em um rapaz. Enquanto ele estava comendo os alimentos, os guerreiros já estavam preparados para matá-lo. Depois de se alimentar o jacaré começou a ter relação sexual com a mulher e todos os guerreiros estavam observando ele, com isso todos estavam apreensivos querendo iniciar o ataque. O cacique falou:

— Calma que o momento certo vai chegar.

Terminando o ato ele ficou três minutos desmaiado, após isso ele iniciou a ter relação com a irmã mais nova, e por último teve relação com a outra mulher e ficou desmaiado por dez minutos. Durante esse tempo os guerreiros iniciaram o ataque, depois de ter matado ele, dividiram as suas partes.

Assim que chegou na aldeia o cacique começou a violentar as esposas deles. Todos foram até a casa do cacique para saber o que estava acontecendo. Enquanto isso as mulheres retiraram as partes íntimas do jacaré para queimar o corpo. Alguém disse:

— Por que não plantar as partes íntimas dele?

Enterraram os testículos do jacaré. Passando dois a três meses, voltaram ao mesmo lugar e viram que havia nascido pé de pequi, alguns anos depois retornaram e viram que o pé estava grande e com flores, vermelhas, amarelas e brancas. Passando dois anos depois, viram um fruto caído no chão. Então o pé de pequi disse para as mulheres:

— Para vocês me consumirem, tem uma regra, vai até a aldeia de vocês chamar todas as pessoas da comunidade e arranhar a barriga, para não passar mal, para consumir, vocês irão cozinhar com a casca, servirá para fazer mingau e comer com outros alimentos...

Assim é a história de origem do pequi para o povo indígena Waurá.

ORIGEM DOS RIOS PARA OS UMUTINA

Contadores: Leocílio Boroponepá Filho e Cleiton José Alves da Silva

Transcritor: Ajukuri Kuikuru

Os mais velhos contam que, antigamente, quando os homens foram flechar peixes no rio Sepotuba, mas não levavam nenhuma das suas mulheres, as deixavam no racho onde moravam. Eles moqueavam os peixes longe das suas casas, enquanto isso suas mulheres faziam cozidos, assados e um de monte alimentos, mas eles não comiam nada daquilo.

Então, as mulheres começaram desconfiar deles. Quando os homens foram pescar novamente, elas mandaram uma moça atrás deles, que era a filha de um deles. Os homens que moqueavam os peixes avistou essa moça no meio da mata, ela se chamava Moquém, ela decidiu subir em uma árvore e lá se sentou, ficou escondida.

A menina viu tudo lá de alto, viu seu pai quando voltou e abriu o amarrado de pacova. Então, sua filha coçou a testa e deixou cair um pouco de urucum no peixe. Seu pai viu o peixe vermelho, pensou que ainda estava cru, fechou novamente. Naquele tempo as piraputangas não tinham carne vermelha, logo o pai estranhou, ficou pensando e olhou para cima, enxergou sua filha sentada na forquilha de árvore.

Ele chamou todos os companheiros para cercar ela e convidou sua filha a descer para comer o peixe moqueado. A moça saltou da árvore em cima dos homens e saiu correndo para casa. Ela viu que cada homem tinha seu próprio moquém e muitos peixes. Contou tudo para as mulheres da aldeia,

que ficaram aborrecidas, resolveram entre elas que cada uma devia matar seu marido, matando com pancada, para não sobrar nenhum homem.

E assim elas fizeram, tomaram os moquéns dos seus maridos e ficaram viúvas, porém uma delas estava grávida. Quando estava próximo de dar à luz a criança, a mulher falou:

– Se for menina vai viver e se for menino vai morrer.

As mulheres tinham receio de deixar um menino viver, porque mais tarde poderia ficar sabendo que elas mataram seu pai e o marido das outras mulheres e o menino poderia querer se vingar delas.

E quando a criança nasceu era menino, sua mãe ficou assustada e com muito medo, pois se as mulheres descobrissem matariam a criança. Então, ela teve uma ideia, amarrou o pênis dele para atrás, bem amarradinho para que todos acreditassem que era menina. As mulheres



vieram para olhar a criança, apalpam e pensaram que era menina.

No outro dia, antes da madrugada, a mulher fugiu com o filho. Ela tinha medo que ainda viessem descobrir a verdade. O sangue do parto ainda escorria de seu ventre, foi aí que fez dele os rios. Ela saiu, fez o rio Balatiponé, rio Kepó (Sepotuba), Balatipó (Tapirapoã), Hadopó (rio pequeno que fica abaixo do rio Bugres), Xopó, Xikipó, Waripó, Waripó (rio Paraguai), rio Bainapó, Pari, rio Cuiabá e rio Baripó.

As mulheres foram atrás da mãe com o menino, encontraram esses rios, que antes não haviam, elas passaram todos eles até chegarem ao rio Cuiabá, que era muito largo e por isso não conseguiram passar, logo, voltaram para suas casas.

Então, essa é a história de origem dos rios para o povo Umutina.



ORIGEM DA ANTA

Contadores: Marcílio Tsame Tserenhi; Tiago Tserewatawe Tsitedze; Herculano Tsererowe; Lídio Tserehopo Tsereuwané; Sansão Ubuhu; Natalino Tseredzahi; Zebedeu Tsee Ômowa; Paulo Gaco Tsimanilwe; Fernando Utebrewé Tsipre.

Transcritores: Leandro Nenezokae; Gelson Zezokiwe e Gilmar Koloizomae.

Os mais velhos contam que antigamente, antes mesmo de existir todas as coisas no mundo, havia uma família Xavante que vivia numa aldeia isolados. O pai, a mãe e dois filhos meninos. Era época do fruto de buriti, todos os dias a mãe e filho mais velho iam no cerrado, para coletar os frutos de buriti. Certo dia, o filho mais novo disse para a mãe:

– Mãe, eu posso ir com vocês? Para ajudar na coleta da fruta do buriti.

Então a mãe disse para o filho mais novo:

– Filho, você não pode vir conosco. Fique aqui mesmo com seu pai.

O filho mais novo, um dia disse para o pai:

– Pai, por que que a minha mãe e meu irmão não querem que eu vá junto com eles? Está muito estranho, eu vou sondar minha mãe e meu irmão para saber. O que está acontecendo?

Certo dia, o filho mais novo foi atrás da mãe e do irmão mais velho para saber o que estava acontecendo. Nesse

tempo, os Xavante transformavam-se em beija-flor, quando saiu de casa o menino se transformou em beija-flor para a mãe e o irmão mais velho não perceberem a sondagem dele. Ele seguiu os dois, então viu que eles estavam tendo intimidades enquanto coletavam buriti. Por isso, a mãe não deixava seu filho mais novo os acompanhar. O menino voltou e contou tudo que viu para o pai, que ficou furioso e deixou uma lenha pronta para dar lição no filho e em sua mulher.

A mãe ficou com dó e aproximou do marido para ele parar de bater no filho, mas ele virou para mulher e fez a mesma coisa com ela. Os dois ficaram desmaiados. Quando o rapaz acordou fugiu para o cerrado. Assim que entrou no cerrado virou anta macho. Após uns dias a mãe foi procurar seu filho no cerrado e também virou anta fêmea. Assim, teve origem a anta na história do povo Xavante

PARTE II

OUTRAS HISTÓRIAS

Nesta parte reunimos narrativas que também nos contam das histórias de antigamente, muitas delas são contadas nas rodas em volta das fogueiras, em bancos debaixo das árvores, nos encontros familiares, contadas pelos avós, pais e tios. São histórias que fazem parte da educação indígena, algumas, são como as fábulas, trazem um fundo moral, aquilo que se deve ou não fazer, outras fazem parte da História e das crenças dos povos que as contam.



A ANTA E A ARIRANHA

Contador: Montirenti Kayabi³

Transcritores: Eliwelton Rondon; Miriam T. Rondon; Odemilson Duarte Vitorino

Era uma vez um caçador que gostava muito de caçar, ele tinha uma mulher (kwa) que por algum motivo não gostava dele. Todas as vezes que ele saía para sua tarefa diária que era caçar, sempre voltava com algum tipo de caça para sua alegria e de sua esposa.

Durante o tempo em que o caçador ficava fora de casa executando sua função, ele não sabia o que a mulher fazia nesse período de tempo em que ela ficava sozinha em sua casa.

No entanto, toda vez que ele saía para caçar começou a perceber a presença constante do beija-flor (mainumy) no seu caminho. Sabendo que ele é mensageiro para o povo *Kawaiwete*, que quando ele aparece é que algo vai acontecer, e isso fez com que o caçador ficasse desconfiado, mas sua rotina continuou, porém, ainda tinha algo que muito ele queria saber.

Queria saber o real motivo que sua esposa não gostava dele, então em um belo dia ele resolveu fingir que ia sair para caçar, e se escondeu atrás de sua casa. Enquanto isso a mulher foi para a roça buscar os alimentos, mandioca, batata, entre outros; assim que retornou para casa, pegou as batatas e foi para o rio banhar-se.

O caçador então a seguiu para ver o que ela estava a fazer, chegando a beira do rio

³ Essa história foi narrada pelo acadêmico Montirenti Kayabi, que foi contada a ele pelo seu avô e ancião Siravé kayabi, do povo kawaiwete.



ele ficou escondido a vigiar a mulher. Foi aí que para sua grande surpresa o caçador viu o que nem por um segundo em sua vida imaginaria. Lá na beira do rio sua mulher chamou uma anta (tapi'it) e ali com o animal se relacionou, fazendo com que o homem se consumisse em profunda tristeza e muita raiva, mas mesmo assim ele se manteve firme e nada contou a mulher do que já sabia.

Depois disso o homem não saía mais para caçar, ficava só em casa fazendo flecha. Isso despertou na mulher curiosidade, e ela perguntava insistentemente ao marido:

— Que foi, homem? Não sai mais para caçar?

Mas ele nada falava. Até que ele contou para seu povo o que estava acontecendo. Resolveram então saber se era mesmo verdade aquela história que o caçador contou a eles.



Seguiram a mulher até o rio quando ela saiu para banhar-se como fazia sempre. Chegando na beira do rio, se depararam com a dura realidade, a mulher, *kwa*, com a anta, tapi'it, namorando, para o espanto de todos. O caçador então falou:

Vejam, meus amigos! Vocês estão vendo que a mulher que eu gosto está namorando com a anta?

Sem a menor compaixão os guerreiros começaram a disparar as flechas em direção a anta, assim ferindo o animal e levando a sua morte. A mulher, no entanto, em profunda dor e tristeza, chorou e gritou como nunca ninguém havia gritado na beira do rio. Sem pensar ela se jogou no rio transformando-se em uma ariranha, *takapeuu*.

Por isso, até hoje, quando se vê e ouve os gritos das ariranhas na beira do rio, acredita-se o povo kawaiwete que é o grito de tristeza e sofrimento daquela mulher, que um dia se apaixonou pela anta.



A HISTÓRIA DE XERAMÕJA

Contador: Awajky'i Cássio Tapirapé

Transcritor: Xawarakymaxowoo Tapirapé

A expressão *xanermõja*, literalmente, significa “nossos avós” e é muito utilizada no momento em que estão contando as histórias antigas, nas quais são mencionadas as pessoas falecidas. Em vez de pronunciar os nomes dessas pessoas, utiliza-se essa expressão *xaneramõja*, que é uma forma educada de se tratar um falecido.

E, assim, também usamos essa expressão no momento do ritual, pois uns *xaneramõja* assassinaram os filhos dos outros. Eram o Xyreni e o Topaxo. Os dois eram irmãos. E desse fato é que surgiu o ritual com esse nome *Xaneramõja*.

Primeiro, o ritual era chamado *Irewee axyga*. Foi no momento desse ritual que aconteceu a tragédia. O Xyreni era o chefe da dança do *Irewee axyga* e estava dançando no interior da *Takãra* (casa cerimonial), enquanto o seu irmão Topaxo ficou preparando o seu arco na porta da *Takãra*.

Enquanto o Xyreni estava no ritual, a esposa dele o estava traindo com outro homem. Aproveitando a ausência do seu esposo, ela ficou com o namorado durante o ritual de *Irewee axyga*. Preocupado, o seu filho ficou procurando de casa em casa, perguntando:

— A minha mãe não está aqui?

— Não! — respondiam.

Continuou procurando.

- A minha mãe não veio aqui?
– Não! – Sempre respondiam não.
Mas o menino não desistiu, continuou procurando.
– A minha mãe não veio aqui?
– Não! – respondiam as mulheres.

Até que o menino desistiu e foi atrás do seu pai. Mas não podia entrar na *Takãra*, porque antigamente não era permitida a entrada para criança. Do lado de fora, chamou o seu pai:

– Papai, papai, papai!!

– He! he! he! – Com a voz de fera, Topaxo não permitiu o menino aproximar-se da *Takãra*.

– Hããã... hããã... hããã! – Assustado, o menino saiu correndo. E voltou a procurar sua mãe. Mas não a encontrou e retornou atrás do seu pai, de novo chamando-o.

– Papai, papai, papai!!

– He! he! he! – De novo o Topaxo correu atrás do menino.

Daí, então, o Topaxo transformou o seu arco em uma lança para sacrificar o menino. O menino voltou a chamar seu pai pela última vez.

– Xeropy, Xeropy, Xeropy!

– He, he, he! – Topaxo correu atrás.

Tchac! Cortou o pescoço do menino.

O pai dele não podia fazer nada, continuou na dança, chorando muito. A



regra não permite que nenhum participante desse ritual saia. Então ele continuou conduzindo o canto.

— Hahia he, he.

— Hahia he, he xera'yra (meu filho). — Chorando muito, ele até errou a letra da música, trocando pelo “xera'yra” (meu filho). Logo o assassino do seu filho gritou, provocando-o:

— Por que o espírito, em vez de cantar, está chorando? Muito zangado, Xyreni dizia:

— Pelo amor de deus, por que você (esposa) não cuidou do meu filho?

No dia seguinte, terminou o ritual. Os homens saíram da *Takāra* e foram para suas casas. Muito zangado Xyreni foi para sua casa brigou com sua esposa.

À tarde os homens saíram rodeando a aldeia, dançando e gritando de casa em casa com o corpo do menino. Depois o levaram para a *Takāra*, entrando pela porta Araxã e Wyraxiga. O corpo foi enterrado ao lado do Araxã.

Em seguida, o pessoal foi atrás de Awara'i, o ritual que aconteceu na sequência de *Irewee Axyga*, no qual o Xyreni vingou a morte do seu filho.

Quando Awara'i foi trazido na aldeia, o Topaxo não deixou mais seu filho sair de casa. Vigiava passo a passo o tempo todo, pois sabia que seu filho estava correndo risco.

Esperto, o Xyreni saiu de casa sem ninguém perceber e ficou na *Takāra* esperando o filho de Topaxo sair de casa. Quando viu que o alvo estava brincando na porta de casa,



Xyreni saiu vestido de Awara'i pelo outro lado da aldeia e foi se aproximando.

E quando o menino saiu de casa, Xyreni correu:

— Ho, ho, ho, ho! Interditou a entrada da porta.

Assim como foi feito com o seu filho, ele também cortou o pescoço do menino (filho do Topaxo). Depois foi gritando com o corpo dele rodando a aldeia. Por último, levou na *Takāra*, onde também foi enterrado ao lado do Wyraxiga.

Após o ritual de *Awara'i*, os *Warā* (homens) foram caçar. Na caçada pode ser que os dois homens se encontraram e tenham matado um ao outro, mas ninguém sabe o que aconteceu, porque os dois nunca mais voltaram, mas suspeitam que eles caíram na água, pois Xyreni vive nos lagos, afirma o contador.

Deste fato é que surgiu o ritual hoje chamado *Xaneramōja*.

AS ARIRANHAS E AS MULHERES

Contadora: Rozinete Marido

Transcritora: Elizangela Marcileide Njankaci

Antigamente, os bororos sempre faziam sua aldeia próximo à beira do rio, os homens sempre iam pescar no rio e não pegavam nada, mas quando iam caçar matavam muitos bichos. Somente na pescaria não tinham sorte. Vendo isso as mulheres ficavam tristes.

As mulheres reuniram-se e foram para o rio pescar, na beira do rio, as ariranhas avistavam elas, se reuniram e foram na direção delas na praia. Vendo as ariranhas, elas se deitaram peladas, cada ariranha macho deitava em cima de uma mulher fazendo relação sexual com ela. Em troca dessa relação as ariranhas traziam os peixes do rio para elas que voltavam todas contentes para a aldeia.

Os homens voltavam para o rio para pescar de novo e não pegavam nada. Certo dia, o filho de uma das mulheres queria ir com ela, acompanhar sua mãe na pescaria, mas ela não deixou ele ir, porque elas não queriam que ele descobrisse o que estava acontecendo. Um dia, quando foram para o rio, o menino acompanhou elas, mas ficou escondido. Quando elas chegaram na beira do rio elas gritaram chamando as ariranhas, que saíram da água e foram na direção das mulheres na praia e começaram a namorar elas, depois, voltaram todas contentes. O menino que estava escondido viu tudo o que aconteceu.

Nesse momento ele falou:

— É assim que vocês estão fazendo? — Voltou para aldeia e contou tudo o que tinha visto para o seu pai, dizendo que descobriu como que elas pegam os peixes.

O pai do menino reuniu os homens em uma casa *Baito*, que é somente dos homens, dentro da casa contou para o restante dos homens como é que suas mulheres conseguiam os peixes. Os homens tiveram a ideia de matarem todas as ariranhas, tiraram a seda de tucum e fizeram corda dela, *Bukidaga*. Todos se prepararam.

Quando estavam prontos com a corda, os homens se vestiram de mulheres, mas um deles não se preparou direito como seus companheiros, não fez sua corda grossa e forte. Os homens disseram “sua corda não vai aguentar”, mas ele não se importou com isso e disse que não ia dar para escapar.

Todos foram para beira do rio, fizeram igual suas mulheres, gritaram para as ariranhas e logo elas começaram a aparecer da água e foram em direção a eles, achando que era as mulheres, começaram a subir em cima deles. Nesse momento, os homens começaram a passar as cordas de tucum no pescoço delas e socar o arpão feito de madeira, *Rago*, matando elas. Aquele homem que não preparou a corda direito, a ariranha conseguiu fugir. Por isso, a ariranha macho sempre é vista sozinha no rio.

NARRATIVA DA MÚSICA SI'RENDERA DO POVO APIAKÃ

Contadores: Evanílson Crixí Morimã; Ângelo Krixí e Clenildo Krixí Sabanes

Transcritor: Dario Kalapalo

Era uma vez uma menina mais nova que queria namorar, mas seu irmão não deixava ela namorar. Então ela fugiu da casa deles e foi para rua procurar namorado. E aí, em seguida seu irmão vai atrás dela correndo buscá-la onde ela estava. Então ele a leva pelo braço para casa e a deixa trancada. E assim ela fica cantando essa música Si'rendera, “minha irmã”.

Música “sirendera” minha irmã

Sirendera derre deré Koi (2x).

Si na pytã rindé (2x)

Napiri que tapy'tá nindé (2x)

Napiri que tapy't

NARRATIVA DA MÚSICA *JAKUI*, DO POVO KALAPALO⁴

Contador: Dario Kalapalo

Transcritores: Ângelo Krixi; Clenildo Krixi Sabanes; Evanílson Krixi Morimã

Dario contou que antigamente essa música era muito respeitada, mas hoje em dia as mulheres não estão respeitando a regra, elas estão quebrando a regra da música do *Jakui*.

A casa dos homens que fica no centro da aldeia, as mulheres não podem entrar na casa, somente os homens que entram nela porque nela tem *Jakui* (a flauta sagrada) ali, é sagrada e respeitada. A mulher não pode ver *Jakui*, se isso acontecer ela pode ter castigos muito ruins.

Dizem que o cabelo da mulher que vê a flauta ou cantar a música fica caindo por causa que ela está cantando. “Com isso ouvi essa música que estava tocando hoje e fiquei um pouco assustado por ouvir a mulher que estava cantando e quebrando a regra de música da flauta *Jakui*”.

4 A produção desta narrativa foi provocada por uma atividade numa das aulas da disciplina de Literatura que ministramos, ao se passar o vídeo de uma música indígena xingua-na chamada *Atsagalü* disponível no canal do *Youtube* (<https://www.youtube.com/watch?v=jYcWdnF06qA>), cuja proposta era comparar a sonoridade e musicalidade da referida música com as métricas e musicalidades da lírica do soneto. Porém, no momento da atividade, o acadêmico Dario Kalapalo se manifestou sobre a música e nos disse que ela não deveria ser cantada por mulheres e nos explicou sobre a flauta *Jakui* e suas regras.

A FLAUTA SAGRADA DO POVO MEHINAKO

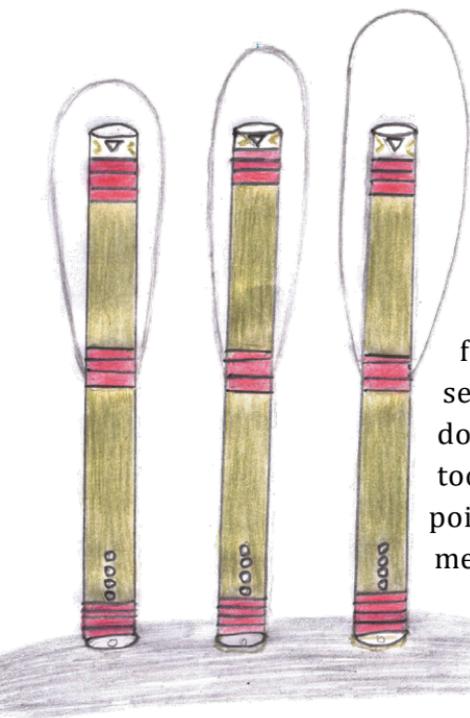
Contador: Meyeke Mehinaku.

Transcritores: Robenilson Manhuari, Jozino Saú Burum Munduruku,
Rozivânio Krixí Manhuari

Meu pai, Ahula Mehinako, é dono da flauta que na nossa língua é chamada *Kawüká*, que é um elemento muito importante para o meu povo. As mulheres não podem ver essa flauta, por esse motivo ela fica na casa do meu pai, e somente os homens podem ver e tocar essa flauta. Quando é dia, eles tocam apenas dentro de casa, para que não seja visto pelas mulheres, quando é noite, os tocadores tocam fora da casa, e as mulheres não podem sair da casa, porque se elas verem o tocador tocando a flauta, poderão sofrer consequências ruins.

Contam que elas podem adoecer e até morrer no prazo de cinco a dez anos após terem visto. Atualmente, meu pai está guardando a flauta sagrada, pois aquele que fez a flauta já morreu há muito tempo. Mas a flauta ainda continua sendo guardada e demora muito tempo para estragar. Hoje, a flauta já está com 25 anos, ela vem sendo bem conservada e mantida escondida na casa do meu pai, e também não é qualquer homem que pode tocar essa flauta, porque depende do talento de cada um.

Têm pessoas que já tem o conhecimento, que já são profissionais, sabem tocar vários tipos de músicas. O tocador



precisa seguir algumas regras como, por exemplo, o dono da flauta fica na responsabilidade de levar alimentos para o homem que estará tocando a flauta sagrada, porque a flauta é um espírito e precisa se alimentar, e se por acaso o dono não levar a comida para o tocador, o mesmo pode adoecer, pois esse fato já aconteceu com meu pai, que ficou muito doente, por motivo de o mesmo não levar comida para quem era tocador.

Os alimentos servidos são: peixes, mingau e perereba, que é o caldo da mandioca. E ao mesmo tempo que meu pai saía para pescar, a minha mãe também preparava os beijus para que esses alimentos fossem levados até ao centro da aldeia, pois nesse local o tocador faz a sua refeição, esses dois trabalhos também fazem parte das regras e por isso precisam ser respeitadas.

A HISTÓRIA DA FILHA DO JATOBÁ

Contador: Valdecy Tumaiawa Kukere

Transcritores: Xawarakymaxowoo Tapirapé e Taropa Tapirapé

Essa história do povo kurâ-Bakairi, como até hoje em dia é contada para as nossas crianças, fala da filha do Jatobá. Nossos avós contam que o Jatobá era um cacique muito respeitado pelo povo e ele tinha uma filha que ficou em reclusão.

O período de reclusão iria durar o tempo que ela precisava aprender para fazer todas as atividades, a fazer a rede, artesanatos, entre outras coisas. Mas durante a reclusão, ela sentiu vontade de namorar, era muito difícil, porque tinha a mãe dela cuidando. Acreditamos que no passado todos seres eram humanos, como as aves e os animais. Então ela começou a namorar, como todos sabemos que antigamente não tinha energia elétrica na oca, namorou muito tempo, até que engravidou, mas ela nem conhecia e muito menos não sabia quem era o rapaz, pai do seu filho.

Chegou o dia da apresentação dela para a comunidade, ela já saiu com o filho nos braços e durante a cerimônia da festa também iria acontecer o teste para saber quem era o pai do menino.

Juntaram todos para a festa e também para descobrir o pai da criança. O pai da moça, o senhor Jatobá, passou em um por um dos rapazes que eram os supostos pai do menino. Primeiro chamou os animais, nem um deles era o pai. Logo após, chamou as aves, chamou a arara, depois o papagaio, enfim todas as aves. A história diz que essas aves eram todas lindas e andavam só de dia, por isso nenhuma delas era o pai da criança.



Mas ainda tinham as aves noturnas, como é de conhecimento de todos, então chegou a hora de saber quem era o pai. Se apresentaram todas as aves noturnas e a criança nem se mexeu, sobrou apenas um, que era o morcego, quando se aproximava do terreiro dizia para os amigos: “Quem me dera eu ser um pai dessa criança, sou feio, tenho mau cheiro, dentuço e orelhudo”.

Mas no momento que foi se aproximando do terreiro a criança começou a se mexer no colo da mãe e já se levantou e foi em direção ao morcego, assim foi revelado quem era o pai da criança.

Carolina: 

Fim...



HISTÓRIA DE AVÔ

Contadores: Marcílio Tsame Tserenhi; Tiago Tserewatawe Tsitedze, Herculano Tsererowe, Lídio Tserehopo Tserewané, Sanção Ubuhu, Natalino Tseredzahi, Zebedeu Tsee Ômowa, Paulo Gaco Tsimanilwe, Fernando Utebrewe Tsipre.

Transcritor: Gilmar Koloizomae

Antigamente havia um avô que tinha muitos netos(as), ele tinha uma visão diferente. Ele via o espírito caçar durante temporal de chuva, sabia e via, quando chovia, os espíritos passavam na aldeia, ninguém percebia, apenas ele. O avô sempre orientava sua comunidade a não sair de casa quando chovia.



Certo dia, quando chovia muito, sua família passava fome, não havia o que comer, então, uma de suas filhas lhe pediu que fizesse alguma coisa. Estava chovendo muito e ele sabia o que estava acontecendo, então sentou na porta e ficou olhando para o centro da aldeia e viu que as portas das casas vizinhas estavam todas abertas.

Olhava o espírito caçador matar os bichos debaixo da chuva, sem a comunidade perceber. Sua filha apavorada dizia a ele que fizesse alguma coisa, ele dizia:

— Calma!

— Estão matando muito.

Pensando nas famílias que passavam fome ele decidiu sair de casa e ir até lá em busca de caça. A família toda olhava para ele, ficava com pena dele porque ele foi sem nada. Assim que ele matou o bicho todos conseguiram enxergar o que estava acontecendo, então todos acreditaram nele.

HISTÓRIA DO POVO TAPIRAPÉ ATACADO PELO POVO KARAJÁ

Contador: Taropa Tapirapé

Transcritor: Xawarakymaxowoo Tapirapé

O nosso povo, *Apyãwa*, conta que aqui na aldeia *Tapi'itãwa* há muito tempo fomos atacados pelo povo Karajá, e que muitas pessoas inocentes morreram. As mulheres

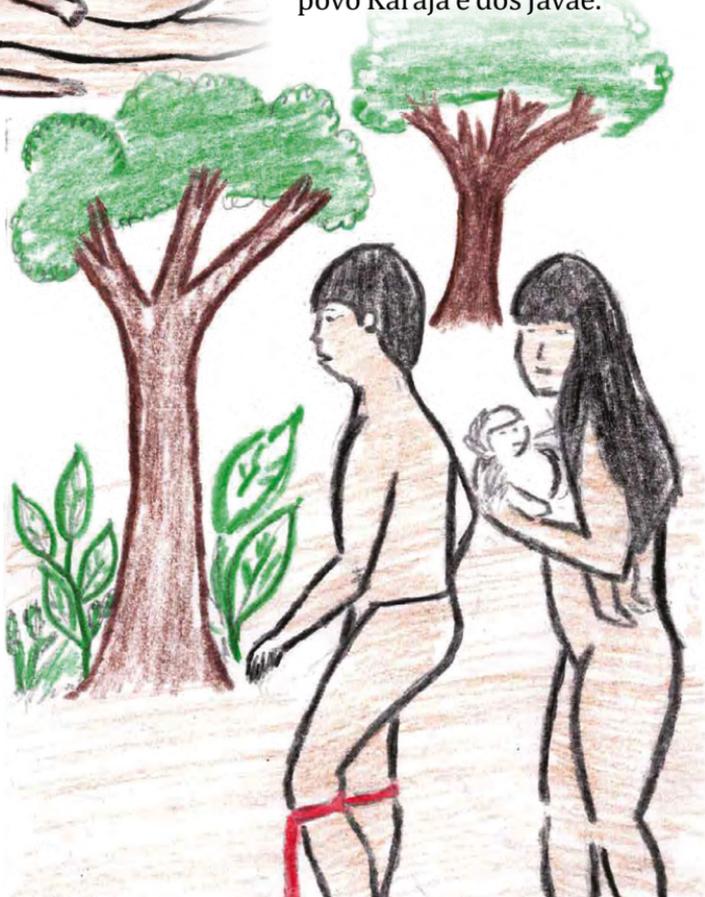
foram as principais vítimas, além de matar, capturaram muitas delas. O povo *Javaé* (Irewee), como se chama o povo *Apyãwa*, foram os que mais capturaram as nossas mulheres.

Os povos Karajá e Javaé enganaram o nosso povo. Um deles chegou à aldeia *Tapi'itãwa* falando que viera para trocar as coisas como miçanga, panela de barro, banha de tartaruga, esteira com o povo *Apyãwa*, acreditando na proposta muitas famílias seguiram para a beira do Rio Awioy (Rio Tapirapé) com expectativa de fazer uma boa troca, mas quando chegaram lá foram surpreendidas



pelo ataque. O local hoje é chamado de *Tawaenãwa*. Mas as lideranças Apyãwa que desconfiaram da proposta dos povos Karajá e dos Javaé não caíram na armadilha e se salvaram, mesmo assim, muitas pessoas que caíram na armadilha foram mortas. E

naquela época, os povos Karajá e os Javaé eram muitos, porque ainda não haviam sido separados. Assim, a história do povo Apyãwa conta o ataque imemorial do povo Karajá e dos Javaé.



SEWIN XUNÂRY: A HISTÓRIA DO TIMBÓ

Contador: Valdecy Tumaiawa

Transcritores: Xawarakymaxowoo Tapirapé e Taropa Tapirapé

A história do povo Bakairi conta que existia uma menina que sentia vontade de casar, ela morava junto com sua família e sua irmã. Todo dia ela ia tomar banho no rio

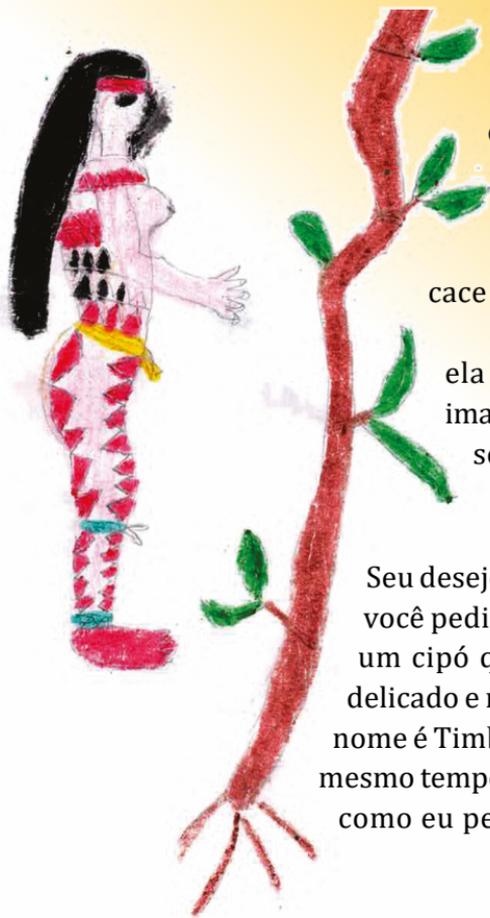
sozinha, certo dia, quando estava indo tomar banho, disse bem assim: “Nossa se esse cipó fosse um homem eu casaria com ele, porque sempre tive um desejo de casar com uma pessoa que cace e pesque”.

Logo após falar essas palavras ela virou de costas, mais nem imaginava que o desejo dela tinha se realizado.

Então o cipó disse pra ela:

– O que você disse, moça?

Seu desejo foi realizado, sou o cipó que você pediu como esposo, mais não sou um cipó qualquer, sou especial, raro, delicado e muito perigoso também. Meu nome é Timbó sou um bom pescador e ao mesmo tempo temido, vou contar pra você como eu pesco, solto tipo uma esponja





branca que faz com que os peixes fiquem tontos, os mais fracos até morrem.

E o cipó disse mais ainda:

– Se você me aceitar do jeito que sou caso com você, mas você não pode revelar meu segredo.

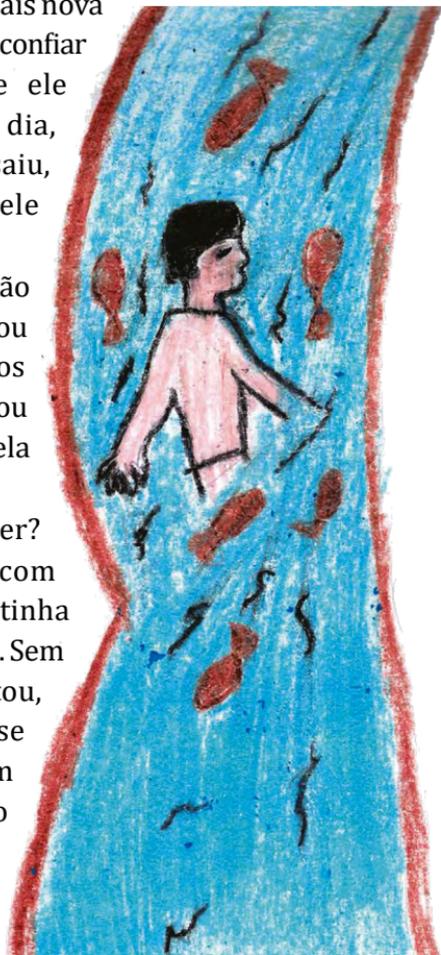
E assim se casaram, a menina apresentou ele para sua família, mais apenas ela sabia como ele fazia para pescar. O tempo foi passando e como toda criança é curiosa a irmã mais nova começou a desconfiar dele, porque ele

não usava flecha nem arpão. Certo dia, ele disse que ia pescar, quando ele saiu, a cunhada o seguiu e ela viu como ele fazia para pegar os peixes.

Voltou correndo para casa, mas não disse onde estava. A mãe dela terminou de preparar o peixe e chamou todos para comer. Nessa hora que ela revelou o segredo do seu cunhado, a mãe dela perguntou:

– Por que você não queria comer?

Aí ela respondeu que estava com nojo do peixe, porque aquele peixe tinha morrido com a sujeira do seu cunhado. Sem dizer nada o cunhado dela se levantou, caminhou em direção ao mato e ali se transformou em cipó, mas não é um cipó qualquer. Assim é a história do povo *Kurá Bakairi*, a história do Timbó.



A MENINA ROUBADA

Contador: Morais Cezar

Transcritor: Edmundo Nicolau C. Muquissai

Os Cinta Larga chegaram numa aldeia dos Rikbaktsa num dia em que o povo da aldeia estava em festa. Eles queriam roubar as meninas mocinhas dessa aldeia, essas meninas tinham que ter os seios já grandinhos e estar com os dentes bonitos.

Betsama era uma menina da aldeia e estava do jeito que eles queriam, ela criava um curiango.

Os Cinta Larga roubaram ela e o irmão dela, e deram *Betsama* para um velho tomar conta dela. Voltaram para a aldeia deles que era muito longe, tinha que atravessar cinco rios para chegar. Atravessaram tudo em canoa de casca de pau.

Depois que atravessaram o último rio, já era de noite, para chegar à aldeia. Durante o dia o velho que tomava conta de *Betsama* andava só com ela. Ele não confiava em ninguém, porque falava que ela era dele. À noite, ele dormia pesado, por isso, deixava *Betsama* entre suas pernas com medo dela fugir ou alguém pegar ela.

O tempo foi passando e *Betsama* ficou moça e também ficou grávida. *Betsama* vivia lembrando dos parentes, pensando em fugir, mas não tinha como ela fugir. Ela então dizia para o velho:

— Quantos filhos você tem com as outras mulheres?



O velho contou a história dele e contando nos dedos concluiu e disse a ela:

— Tenho dez filhos.

— Dez filhos?

— Dez mesmo! — disse o velho já cochilando. Ela estava fazendo isso para fazer com que o velho dormisse e perguntou repetidamente:

— Quantos filhos mesmo?

— Dez, tenho dez! — respondia o velho.

— E o outro vai ser de mim, né?

— Vai sim! — respondeu ele.

A moça foi repetindo essa história para o velho por várias vezes e várias vezes, porque ela queria que ele dormisse pesado para ela fugir. Ele não dormia muito pesado e nesse dia ela resolveu fazer isso. Foram muitas horas falando, falando, contando história, repetindo a mesma história. Aí o velho pegou num sono pesado, estava dormindo como uma pedra. *Betsama* cutucou o velho e nada! Triscou nele e nada, estava dormindo muito pesado.

Na outra noite, durante o sono pesado do velho, o curiango de *Betsama* chamou ela. Ela perguntou:

— Quem me chama?

— Sou eu, o curiango! Levanta! Vamos embora desse lugar, aqui eles estão querendo matar você. Sua mãe sente muita falta de você. Foge esta noite.

Aí ela falou:

— Eu vou esperar você lá na frente e me mostre a estrada.

— Tá bom, vou mostrar a estrada pra você!

À meia-noite, *Betsama* levantou devagarzinho, colocou um pilão entre as pernas do velho e uma brasa numa

panelinha de barro para ela fugir. Foi até a rede do irmão e disse a ele:

— Vamos embora para casa, o curiango vai mostrar a estrada pra gente.

— É pra já! — respondeu ele.

Os dois saíram. *Betsama* na frente, o irmão pisou num cipó e fez barulho. Os Cinta Larga acordaram o velho dizendo:

— A sua mulher está fugindo!!

O velho logo passou as mãos entre as pernas e pegou no pilão e falou:

— É verdade. Peguem o fogo, a resina de jatobá e vamos atrás dela.

Os Cinta Larga correram e o velho também, mas sempre atrasado porque não conseguia correr muito. Alcançaram logo o irmão de *Betsama* e rapidamente mataram ele. Lá na frente *Betsama* gritou para o curiango:

— A estrada, onde está a estrada?

O curiango respondeu:

— Aqui, vem aqui!

Betsama entrou no oco de um pau e saiu lá na frente e foi indo assim. Os Cinta Larga iam indo e o curiango viu o fogo de resina deles, disse a *Betsama*:

— Entra aqui no buraco velho de tatu cheio de formigas.

Betsama entrou e quase morria de tantas mordidas das formigas, pois aquelas formigas ferram doído, mas aguentou firme. E o curiango voou e assentou perto do primeiro rio.

Enquanto isso, os Cinta Larga passaram direto pelo buraco, não pararam porque tinha muita formiga. Depois que eles passaram, *Betsama* saiu de lá e continuou correndo. Os Cinta Larga iam a frente e ela ia atrás.

Quando chegou onde o curiango estava, ele falou para ela:

— Agora você toma muito cuidado, os Cinta Larga passaram por aqui e estão na frente, passaram nesse instante aqui.

O curiango voou até o rio. *Betsama* subiu em um pau bem alto no meio de uma sujeira e ficou lá quietinha.

Os Cinta Larga chegaram e não viram nenhum rastro de *Betsama*, furaram todas as canoas, menos uma que estava mais baixinha, era uma canoa bem pequenininha. Deram umas voltas por ali, procuraram e nada. Naquele vai e vem passaram três vezes por baixo de onde estava *Betsama* e não viram nada. Enjoaram de procurar e voltaram para a aldeia novamente.

Betsama viu, desceu, correu para o rio e viu as canoas todas furadas. Andou um pouco para baixo e achou uma canoa que não estava furada, mas era bem pequenininha. Entrou naquela canoa e atravessou o rio, afundou a canoa, para os Cinta Larga não verem que ela tinha atravessado, e continuou fugindo.

Depois de um tempo, os Cinta Larga vieram novamente até o rio e ainda procuraram por ela e não viram a canoa e disseram:

— Ela fugiu com esta canoa inteira!

Eles atravessaram o rio e continuaram indo atrás dela, voltaram do último rio sem encontrar nada.

Betsama conseguiu atravessar todos os rios e chegou perto de casa. Mas ela tinha vergonha porque estava grávida e com aquela barriga, não queria chegar à aldeia e dizia:

— Tomara que minha mãe venha jogar lixo aqui de casa. Pois ela sempre varria a casa e ia jogar o lixo longe da casa.

Naquela hora a mãe dela juntou o lixo e como de costume foi jogar onde ela sempre jogava. *Betsama* estava lá.

A mãe viu um vulto de gente, andou mais um pouquinho, olhou, olhou e viu *Betsama*. A mãe também ficou com vergonha da filha porque estava grávida. Mesmo assim, disse:

— Vem pra cá, vem pra casa! Onde que você andou todo esse tempo?

Betsama respondeu:

— Os Cinta Larga me roubaram no dia daquela festa. A gente não podia facilitar nada.

A mãe levou-a, e em casa, deu comida para ela, perguntou:

— E seu irmão?

Ela respondeu:

— Na hora de fugir, ele tropeçou no cipó, fez barulho. Os Cinta Larga alcançaram e mataram ele.

Foi indo e *Betsama* teve o bebê. A avó disse:

— Vamos jogar esse menino fora, ele é filho de um velho.

Pois quando era filho de inimigo, eles não criavam. Matavam e jogavam fora. E assim fizeram com o bebê de *Betsama*. Depois disso, ela ficou um tempo morando com eles, depois casou, formou sua própria família.

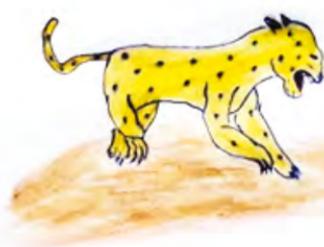
A DISPUTA DE NAMORO

Contador: Gonçalo Arildo M. Chue

Transcritor: Morais Cezar

A onça namorava uma veada muito bonita, e o macaco a viu na mata e também achou ela muito linda e quis namorar ela também, mas a veada disse que já estava namorando a onça. Mas ele a perseguiu e começou a falar mal e pôr defeito sobre a onça para a veada, disse a ela que a onça era seu cavalo.

Quando a onça foi encontrar com a veada, ela perguntou se era verdade que ele era o cavalo do macaco, a onça ficou com raiva e disse que não era verdade, pois o macaco nunca tinha montado nela. Ficou muito brava e disse que ia pegar e matar o macaco, resolveu ir até a casa dele para trazê-lo até a casa da veada e provar para ela o contrário do que ele tinha falado a ela. Mas quando chegou a casa do macaco viu que ele estava deitado na rede de cabeça amarrada, como quem está doente.



Logo exigiu do macaco que fosse com ele até a casa da veada para desmentir o que tinha dito a ela a seu respeito, mas ele disse que não estava em condições de ir, pois estava doente. E a onça não quis saber, disse que ele teria que ir a qualquer custo, pois o que ele disse era muito grave, insinuando que ela era seu cavalo, nem que ele fosse levado nas suas costas.

Então, o macaco fingindo sentir dores e fraqueza física aceitou ir desde que onça o carregasse. Ela aceitou e seguiram a caminho para a casa da veada. Para ele não cair, colocou baixeiro nas costas da onça, mas no caminho o macaco ia caindo e logo pedia algo para completar a sela de um cavalo, até que por fim pediu um chicote, aí a onça desconfiou e perguntou pra que era o chicote. O macaco inventou uma desculpa dizendo que era para espantar as mutucas que ficava em suas orelhas.

Chegando perto da casa da veada, o macaco apertou as esporas que era de espinhos e deu umas chicoteadas no lombo da onça e ela assuntou de um pulo e saiu correndo com o macaco nas costas, passando pelo pátio da casa da veada e ela estava na porta esperando-os. O macaco deu um grito dizendo: “Tá vendo, eu te falei que a onça era o meu cavalo”.

E logo pulou em um galho de árvore. A onça ficou com muita vergonha da sua namorada e com raiva do macaco, foi embora para a mata e ameaçou a veada de morte se acaso namorasse o macaco. Ela, porém, não quis namorar o macaco e nem a onça, mas depois encontrou um veado com quem começou a namorar e se casou com ele definitivamente.

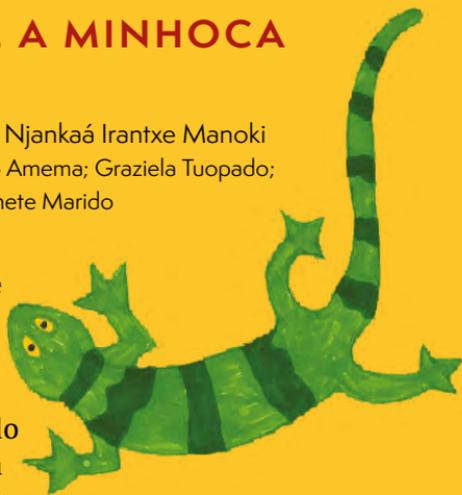
Para o povo Chiquitano, atualmente, quando o macaco está muito dando alarme na mata, como se estivesse zuando da onça, serve de aviso e alerta para os animais e as pessoas que estão próximo a esse local na mata da presença do felino.

A LAGARTIXA E A MINHOCA

Contadora: Elizangela Marcileide Njankaá Irantxe Manoki

Transcritores: Aurilene Merimakudago Amema; Graziela Tuopado;
Juscimar Bokodori; Rozinete Marido

Conta minha avó que antigamente a lagartixa e a minhoca eram comadres, um certo dia a minhoca mentiu para a sua comadre lagartixa dizendo que o sol ia ser lindo, e que ia ter muitos bichinhos para ela comer. Acreditando na minhoca



ela saiu para caçar, quando estava muito longe, veio uma grande tempestade, muita chuva, a lagartixa ficou com muito frio, a chuva não parava, e cada vez mais frio, e a lagartixa não estava mais aguentando. Então resolveu andar mais depressa para chegar em sua casa, logo após chegar acendeu o fogo para se esquentar. Depois de estar aquecida, a lagartixa ficou zangada com a minhoca que havia dito que o dia estava bonito, bom para caçar.

A minhoca saiu a procura de comida, quando estava distante o sol, pois ele esquentava muito a terra e ela ficou preocupada, pois com muito calor estava perdendo a água do seu corpo.

A minhoca resolveu retornar para casa, mas não conseguiu chegar, pois não aguentou o calor do sol e acabou morrendo. A lagartixa é um animal sensível ao frio e a chuva e também poderia ter morrido, da mesma maneira a minhoca não pode ficar exposta ao calor do sol, porque vive em lugares úmidos.



A ONÇA E O JABUTI

Contador: Edmundo Nicolau C. Muquissai

Transcritor: Moraes Cezar

A onça e a raposa eram comadres muito próximas uma da outra, elas sempre se encontravam para conversar, as duas tinham um amigo que era o jabuti. Certo dia a raposa falou para o jabuti que a sua comadre onça era muito danada e comilona, ficava só matando os animais e os bichinhos para poder se alimentar.

O jabuti, que também era amigo da onça, foi e contou para ela, o que a raposa tinha lhe contado. Ao ouvir a história a onça ficou muito furiosa, deu um aviso para o jabuti falar pra raposa que ela iria matar ela, quando o



Ilustração: Moraes Cezar

jabuti foi embora ela deu o aviso e disse para a comadre raposa tomar muito cuidado ao andar pela floresta porque a sua comadre estava muito furiosa, se a encontrasse pela mata iria acabar com a vida dela. A raposa ficou com muito medo ao ouvir esta notícia da ameaça. A onça disse para o jabuti que iria arranjar um jeito de matar a sua amiga, e o jabuti perguntou como ela ia fazer, curioso para saber.

Ela disse que iria fingir de morta para a raposa e todos os animais da floresta participar do velório dela e nesse momento ela daria o seu golpe para vingar da comadre. Nesse momento a onça caiu de bruços no chão fingindo de morta, e logo em seguida o jabuti saiu pela mata espalhando a notícia que a sua amiga onça havia morrido e também passou na casa da raposa para avisar da morte da sua comadre.

Os animais logo em seguida foram chegando para ver a falecida no meio da mata, por último chegou a comadre desconfiada devido o recado que ela havia recebido sobre a ameaça de morte.

E foi logo perguntando se a onça realmente estava morta, os animais confirmaram a morte e ela falou que segundo o costume sempre que alguém morre o defunto sempre arrotava três vezes. Nesse momento a onça que está caída no chão deu um arrote, passando uns minutos a onça deu mais um arrote e logo em seguida deu o último arrote. Nesse momento a raposa gritou bem alto dizendo que a onça não estava morta pois ela estava fingindo e que todos deveriam tomar cuidado.

A raposa saiu correndo pela mata e a onça se levantou e saiu correndo atrás dela, mas não conseguiu alcançar pois ela correu mais rápido e os outros animais também saíram correndo, todos com medo de ser devorados pela

onça. Vendo que não alcançou a raposa passou a odiar ela mais ainda, prometeu em perseguir ela até pegar e matar a danada, e ficou pensando consigo mesmo. Nesse momento ela passou a desconfiar do jabuti, que ele poderia ter falado pra raposa sobre a sua falsa morte.

Nesse momento ela saiu correndo atrás do jabuti pra pegá-lo e matar, mas ele fugiu e entrou num buraco e a onça que estava bem perto enfiou o braço e puxou a perna do jabuti e puxou bem forte, mas o jabuti era bem esperto e falou para a onça que ela estava segurando numa raiz e ela soltou logo, e o jabuti começou a dar risada bem alto lá dentro do buraco e falou para ela:

- Você é muito besta... você estava segurando minha perna...

Assim a onça foi mais uma vez enganada, primeiro pela sua comadre e depois pelo jabuti e ela prometeu que também iria perseguir o jabuti até matar e ainda não conseguiu pegar nenhum dos dois.

O MENINO E O VAGA-LUME

Contadora: Aurilene Merimakudago Amema

Transcritores: Graziela Tuopado; Juscimar Bokodori;
Rozinete Marido

Antigamente as crianças gostavam bastante de brincar com os vaga-lumes, principalmente à noite, elas corriam atrás dos vaga-lumes com o abanico, quando era no tempo delas, pois as crianças brincavam ao anoitecer. Então a minha avó contava para nós que numa certa noite o demônio chegou e colocou o vaga-lume na testa e foi brincando com as crianças para lá e para cá, então foi aí que o menino correu atrás dele e bateu com o abanico nele, que caiu no chão, foi quando o menino descobriu que não era vaga-lume, era um demônio.

Depois o demônio correu com o menino pro mato e ele ficou chorando. Só o pajé que estava dormindo sonhou que um menino não estava entre seus meninos da aldeia e que o demônio tinha roubado ele, feito algo de ruim. Esse menino não conseguia voltar para a sua casa, quando, o ancião, o pajé, acordou e falou para as pessoas cuidarem dos seus filhos que um menino havia sumido, foi aí que sentiram a falta do menino que estava desaparecido. E os pais do menino choraram bastante, depois entregaram o cigarro para o pajé, para o demônio largar do menino deles.

Então, foi através do sonho que o pajé foi atrás do filho deles, aí ele pegou o menino do demônio e colocou

no meio da casa e o pajé assobiou atrás do pai do menino. Eles chegaram e o pajé entregou o menino para eles e falou para os pais do menino e aconselhou todas as pessoas cuidarem bem dos seus filhos, por pouco o demônio ia colocar o menino dentro de pé do jatobá. O pajé assoprou nele para não acontecer nada de maldade com esse menino, por esse motivo que a minha avó nos contou essa história, para repassarmos para nossos filhos e para que meninos e meninas tenham medo de correr atrás do vaga-lume.

Quando os meninos e meninas seguram um tição de fogo ficam girando para lá e para cá, assanhando os vaga-lumes, então eles vêm até o fogo, aí que bate o abanico neles, daí eles caem no chão e eles os pegam. Por esse motivo que os meninos e as meninas não correm mais atrás do vaga-lume, por isso que os Boe Bororo falam que antigamente o demônio costumava roubar as crianças Boe Bororo de dia e de noite, também por isso que não podemos deixar nossos filhos andarem sozinhos por aí...



LEANDRO FAUSTINO POLASTRINI

Graduado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso e mestre em Estudos de Linguagem (área de concentração: Estudos Literários) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) com o tema: *Transculturização e identidade na obra de Daniel Munduruku* (2011), que foi publicada em livro no formato digital em 2019 pela Editora Fi. Atualmente cursa doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT com a pesquisa *Representações, contraposições e poder na literatura indígena brasileira e na literatura indígena colombiana*. Está como professor assistente na área de Língua Espanhola no curso de Letras da Unemat – Campus de Alto Araguaia.

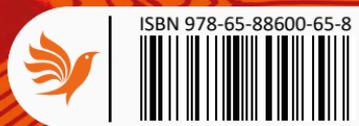


MARCELO MANHUARI MUNDURUKU

Graduado em Línguas, Artes e Literatura pela Universidade Estadual de Mato Grosso (2016), Faculdade Indígena Intercultural, realizou trabalho de pesquisa: *Pinturas Corporais do Povo Munduruku (MT): Significados e mudanças no patrimônio imaterial indígena*. Atualmente, cursa mestrado profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) na linha de pesquisa: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural. Publicou o livro *A Cidade Das Águas Profundas* (2013) pela Editora Melhoramento/SP. Também é atuante político-cultural de seu povo com experiências na área da educação e meio ambiente. Vive na Aldeia Nova Munduruku, zona Rural do município de Juara - Mato Grosso, onde exerce a atividade de professor na escola da aldeia.

O mosaico apresentado nesta antologia é somente uma face da ponta do *iceberg* que emerge a partir das vivências interculturais e revela aspectos da visão de mundo de povos originários não só sobre a origem de alguns elementos da fauna e da flora, mas também sobre como explicam algumas crenças e certos costumes. Este livro, antes de tudo, é fruto de uma prática construída na partilha; na sensibilidade de se reconhecerem diferenças; na importância de se valorizarem os relatos orais utilizados por povos originários como forma primeira de expressão e preservação cultural; no respeito às línguas originárias e na (inter)relação delas com a língua portuguesa utilizada na sociedade envolvente; no respeito às cosmologias, modos de ser e de bem-viver de cada povo. E sua aprovação para publicação no Edital de Chamada Pública nº 05/2020/SECEL-MT, confirma a importância da iniciativa de dar voz a sujeitos por vezes silenciados, brasileiros e brasileiras cujos modos de ser/viver são deveras invisibilizados.

ISAIAS MUNIS BATISTA



REALIZAÇÃO:

Lei Aldir
Blancem
Mato Grosso

SECEL
Secretaria de
Estado de Cultura,
Esporte e Lazer

Governo de
**Mato
Grosso**

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL